CINEARTE

KENT DOUGLASS
E MAE CLARKE
CINEARTE

MAE CLARK

N O presente mez começarão a ser exhibidos os Films que a canicula obrigava a manter em conserva, tendo em vista a excassez do publico que, ajuizadamente preferia o ar puro dos jardins e das praias ao, mais ou menos conpinado, das salas de projecção. Já se annunciam as estréas de grandes producções destinadas a entreter as preferencias do publico para esta ou aquella marca.

As noticias correntes dos Estados Unidos fazem ver que a crise continúa a assolar os Studios obrigando ao córte dos gordissimos salarios de estrellas, astros, directores... que sei eu? á despedida de innumeros comprimarios, funccionarios dos escriptorios, operarios dos Studios, parecendo que os "sem trabalho" na cinematographia, são, proporcionalmente, mais numerosos do que em qualquer outra classe.

E' o reajustamento para baixo que se pratica Isso fará naturalmente com que Hollywoo já não seja considerada a Terra de Chanaan para os candidatos. O numero dos desilludidos augmentará de sorte a obrigar toda gente a pensar em novos rumos, que a Cinematographia já não faz a independencia de ninguem em meia duzia de semanas.

Os Films de milhões passarão a ser Films de milheiros, apenas.

E a industria irá a pouco e pouco creando juizo, produzindo em conta para não soffrer prejuizos.

Emquanto isso os exhibidores procuram alliviar tambem as suas despezas ante a excassez da clientella que, a crise obriga a frequentar menos os salões de exhibição.

E' ainda a necessidade de reajustamento tambem no commercio em suas relações com a industria Cinematographica.

Vimos, e a isso nós temos varias vezes referido, que o publico que se arredára dos Cinemas devido á carestia, ausencia de meios, e augmento no preço das entradas, volve de novo ao seu divertimento favorito apenas esse preço soffre leve diminuição.

Ora, assim sendo, muito justo seria que diminuido o custo da producção pela baixa nos salarios e maior e mais prudente economia na direcção, cessado o desperdicio essa baixa viesse a ter effeito no preço das locações e, como consequencia logica, no custo das entradas. Dessa maneira beneficiariam todos e não alguns, exclusivamente.

O Film sonoro fez soar a hora de sacrificios para muito pequeno exhibidor, obrigado a gastos impossiveis para apparelhar os seus Cinemas, gastos que só seriam amortizados em annos e annos de lucros certos, infalliveis.

Esses lucros têm falhado, mercê das importancias crescentes das locações acompanhada da mediocridade, cada vez mais notavel, dos programmas que afugentam o publico logo na primeira noite.

Temos para nós que o caso estaria a merecer um estudo em conjuncto, sob pena de muito desastre para breve tempo.

Melhor é diminuir o lucro, que pequeno embora sempre é lucro, do que extinguil-o de todo mercê de exigencias de momento.

O periodo, é propicio para um entendimento dessa ordem entre locadores e exhibidores, agora que entramos no tempo de melhoria da programmação.

E havendo boa vontade certo tudo se conseguirá.

SENHORAS

O apparecimento de *Arte de Bordar* constituiu, em todo o Brasil, verdadeiro successo, magnifica victoria. As dezenas de milhares de numeros de *Arte de Bordar* esgotaram-se ás primeiras horas de venda, numa demonstração evidente de que sua acceitação era completa. A indole artistica das senhoras brasileiras tinha — cremol-o — necessidade de uma publicação como *Arte de Bordar*, onde as suggestões mais encantadoras se encontram, ora num bordado, num "crochet", num trabalho de agulha ou de pintura, para um encadeamento de primores do vestuario e do lar. D'ahi o successo que foi o apparecimento de *Arte de Bordar*. Successo legitimo porque nol-o garantiu a acceitação do elegante publico feminino ao qual *Arte de Bordar*, como penhor de um vivo reconhecimento, offerecerá, nos numeros que se seguirem, as mais surprehendentes novidades em tudo que disser respeito a riscos para bordar e artes applicadas.

ARTE DE BORDAR

é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.

ARTE DE BORDAR

contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. — Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.

QUALQUER livraria, banca de jornaes e todos os vendedores de jornaes do Brasil têm á venda a a publicação *Arte de Bordar*.

A revista, contendo os dois supplementos soltos, custa apenas 2$000 em todo o Brasil.

PEDIDOS DO INTERIOR

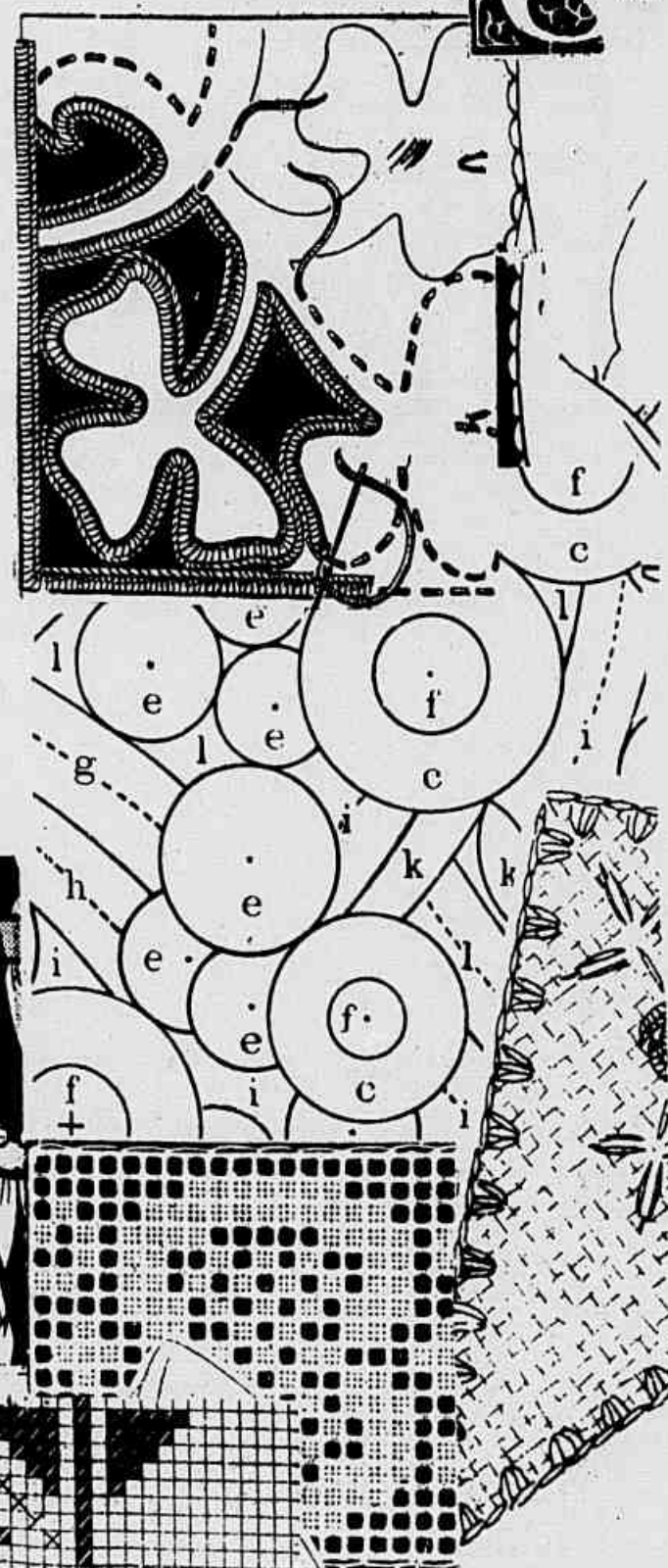
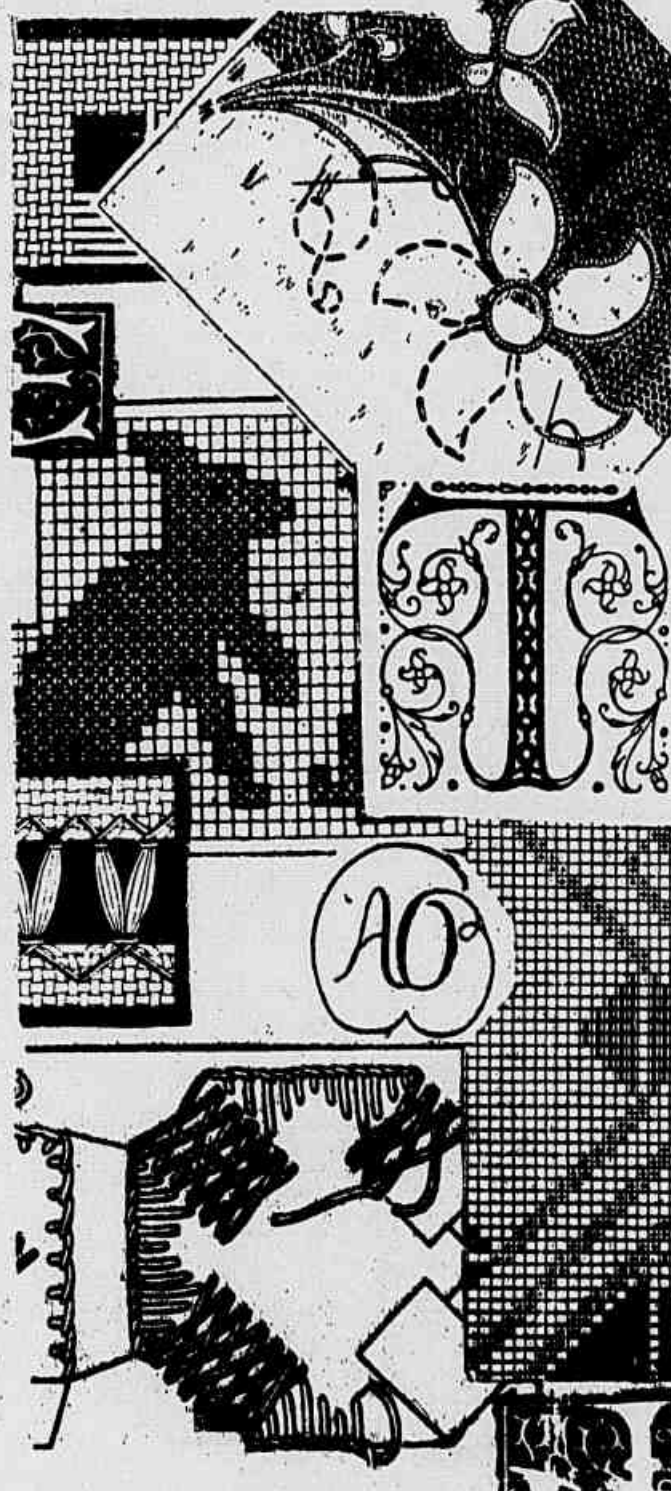
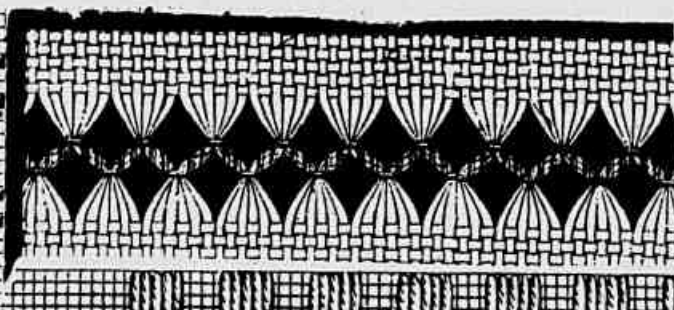
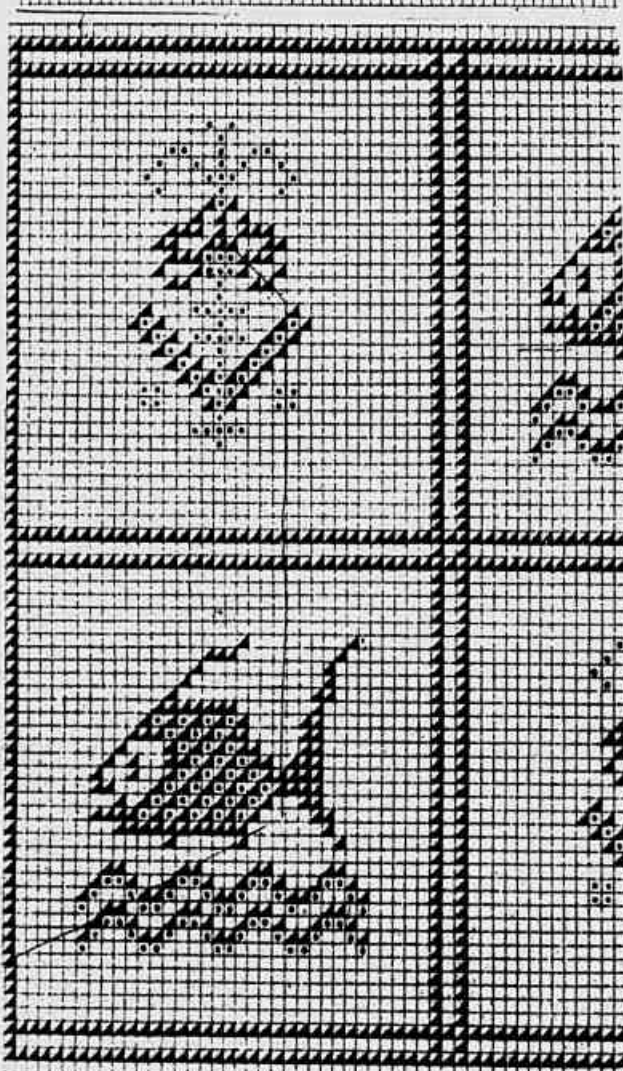
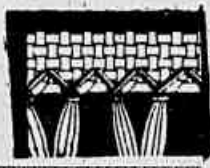
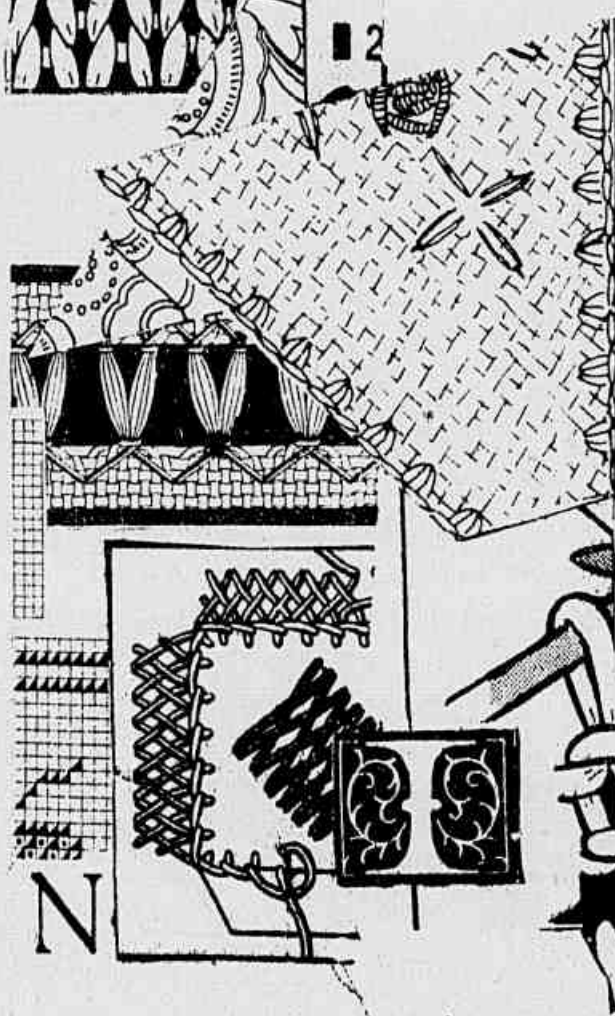
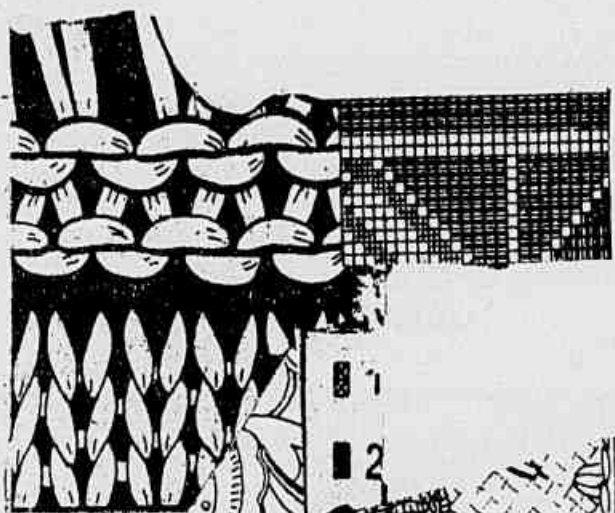
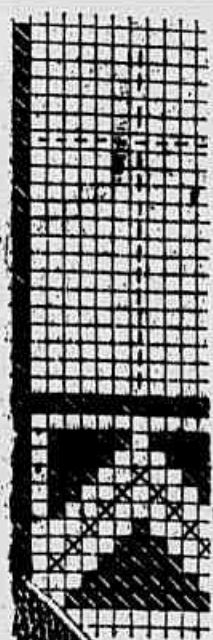
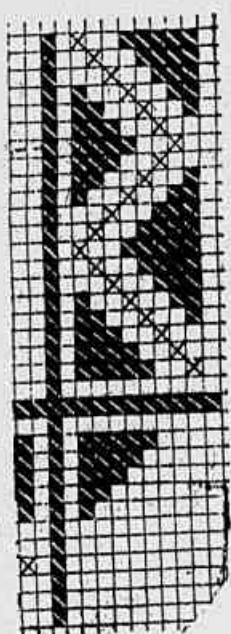
Sr. Gerente de **Arte de Bordar**, Caixa postal 880 — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio

Envio-lhe
- **2$000 para receber 1 numero**
- **12$000 " " durante 6 mezes**
- **24$000 " " " 12 "**

Nome ....

Ender. ....

Cid. .... Est. ....

Quando o Mexico beijou a Suecia...

A fuzão dos temperamentos impares de Greta Garbo, a suéca e Ramon Novarro, o mexicano, ainda se commenta em Hollywood como dos mais originaes e interessantes casos do Cinema, desde que elle existe. Foi um facto incommum. Todos sabem e sentem isso. Eis o que Ramon Novarro disse da sua companheira admiravel.

Quando se annunciou que se iriam juntar esses dois temperamentos absolutamente differentes, rumores, conjecturas, prognosticos fizeram-se em torno desse caso unico no Cinema. Uns affirmavam que a producção não chegaria á sua segunda semana de confecção. Amigos de George Fitzmaurice acercavam-se delle e lastimavam-no como se lastima um louco que annuncia que vae fazer uma viagem á lua num foguete.

Apostou-se sete contra tres corno o productor Irving Thalberg daria um tiro nos miolos mesmo antes do Film chegar pela metade, na sua confecção. Eram poucos os optimistas que davam credito á hypothese favoravel do Film terminar normalmente a sua confecção.

Seria levado a bom termo aquelle pareo ao qual concorreriam Greta Garbo e Ramon Novarro? Num negocio como esse do Cinema, no qual todos querem tomar e ninguem quer dar, como se pode accreditar num co-estrellamento assim? Qual será o pescoço que servirá de vinheta ao "close up?" Greta Garbo e Ramon Novarro iriam viver um periodo apaixonado e terno, mas rapido, como viveram Greta Garbo e John Gilbert, ou perder-se-iam em brigas e discussões inuteis?

Seria possivel, mesmo, que uma suéca e um mexicano se dessem bem saboreando o mesmo manjar?

O facto é que o Film está prompto. O Film fala por si mesmo. Os que viram — felizardos! — o Film em sessão privada, dentro da cabine do Studio affirmam, que nenhum dos dois, até hoje, já offereceram cousa melhor ás suas carreiras. Mesmo consideradas ellas em separado. A qualidade artistica é indiscutivel, A bilheteria do Film é fóra de duvida. Não se viu ninguem de cara amarrotada pelos palcos do Studio. George Fitzmaurice continúa o mesmo homem sensato e admiravel que é. Irving Thalberg não morreu e nem se suicidou. Ao contrario. E' um homem absolutamente feliz.

....

E, o que mais importa, Greta Garbo e Ramon Novarro tornaram-se amigos intimos!

Murmurou-se, em Hollywood, que Greta Garbo se sentiu mais feliz fazendo "Mata Hari", em toda sua vida nos Estados Unidos, do que jamais o foi. Affirmam, ainda, que a companhia e amisade de Ramon Novarro ella apreciava intensamente e que foi isso, acima de qualquer outra cousa, que fez com que a producção fosse normalmente conduzida ao final.

Jamais Greta Garbo appareceu assim radiante de formosura e encantos como nesse papel de um romantico aviador russo apaixonado pela formosa espiã.

Todos que a viram pelo "set", durante a Filmagem de "Mata Hari", affirmam que ella esteve mais satisfeita e alegre do que nunca. Nos p r i m e i r o s dias estranharam-se, sem duvida, mas depois, quando se comprehenderam, ambos respeitaram-se e, por isso mesmo, fizeram de seus trabalhos verdadeiras maravilhas.

Greta Garbo, temperamento mais fleugmatico, contrascenou admiravelmente com Ramon Novarro, latino ardoroso. Ambos sensiveis como um perfeito Stradivarius. Mas unidos no esforço geral pela perfeição do Film, essa é a verdade. Para ambos a carreira artistica que abraçaram é tudo. Ambos são estrangeiros e conquistaram Hollywood pelo poder indiscutivel de suas artes. Muitos pontos de contacto que se desenvolveram em radical satisfação para os mesmos.

"Astro" ha dez annos, Ramon Novarro tem, de Cinema, quasi que duas vezes o tempo de Greta Garbo. No emtanto, elle se mostrou tão nervoso e acanhado, quando o puzeram no elenco de "Mata Hari" como se fosse um principiante qualquer. Na vida social do Studio, tinha-se encontrado uma ou duas vezes com Greta Garbo. O seu orgulho de "astro", no emtanto, jamais lhe permittiram dizer, claramente, que tinha ha muito o ideal de figurar num Film ao seu lado.

Na manhã de inicio da producção, manifestou-se elegantemente esse enthusiasmo delle pela "estrella" suéca.

Na mesa do seu camarim, nessa manhã, Greta Garbo encontrou umas rosas muito delicadas e lindas. Das petalas sedosas vinha um perfume embriagador e de uma dellas pendia um cartão. Ella leu, com emoção tão grande quanto a daquelle que as mandára.

— Espero que o mundo se emocione tanto com "Mata Hari" quanto eu me sinto, neste momento, minutos antes de trabalhar ao lado della. Ramon Novarro.

A primeira scena girada foi a que se passa no exotico appartamento de "Mata Hari". Foi nesse ambiente que, diante das "camaras" girando, encontraram-se pela primeira vez Greta Garbo e Ramon Novarro.

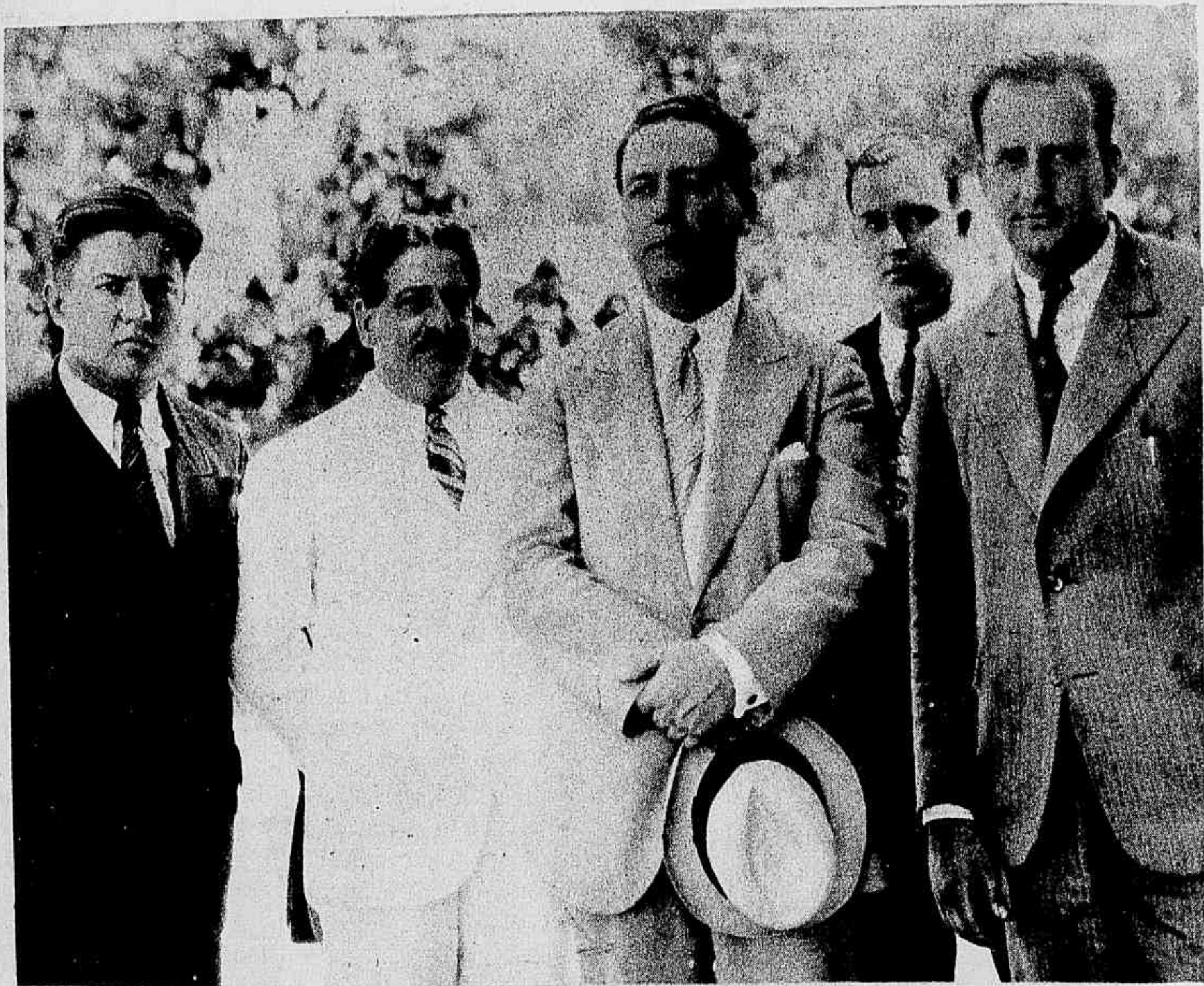
— Senti-me esquerdo, confesso e creio que ella tambem se tenha assim sentido, pelo que notei.

Disse-me Ramon, quando o entrevistei para colher estes dados seus sobre o interessante assumpto.

— Mas ella se mostrou tão encantadora, tão admiravel, que eu logo me senti á vontade. A tensão nervosa da qual vinha soffrendo, desde a vespera, desappareceu radicalmente.

— Desde o momento em que ella entra para qualquer scena, o seu todo parece transformar-se. Deixou em segundos de ser Greta Garbo. Fez-se "Mata Hari". E' um prazer trabalhar com uma artista assim esplendida. Eu me senti vivendo o papel e não o representando, apenas. A energia que ella expende com o seu trabalho é digno de nota. Ella não se satisfaz com estar apenas agradando ao director. Quasi sempre, de uma fórma ou de outra, depois de dada uma scena como boa, ella pede a opportunidade de a viver de novo, com medo de que esteja inadequada a sua interpretação.

— Quando começamos a trabalhar juntos, descobri que ella não dava a menor importancia a ensaios. E' seu velho habito entrar em scena já no instante de ser Filmada. Ella, quando entra em Filmagem, conhece a fundo a historia e traz decorados todos os dialogos. Eu já não sei trabalhar assim. Preciso de ensaios. São os ensaios que me dão a segurança de estar representando bem. Ensaiado é que comprehendo como é que uma scena deve ser realmente vivida. Gosto de ensaiar com luzes, "camera", microphones, tudo dando a impressão de que estou Filmando. Quando ella comprehendeu que esse era o meu methodo, promptamente offereceu-se para ensaiar como eu quizesse e com isso ganhamos muito, tenho certeza. — Varias vezes, quando mudavam-se reflectores e installava-se um novo angulo de machina, iamos para o seu camarim portatil e diziamos nossos dialogos, ensaiando-os. Outras vezes ella preferia fazer esses mesmos ensaios do lado de fóra do "set", pelas ruas de uma montagem nossa que estava mais ao canto.

(Continúa no proximo numero

Durante a visita de Roquette Pinto aos Studios da "Cinédia"

Dialogos rapidos. Consequencias de Films...

— Afinal de contas, meu amigo, o Japão faz muito bem de destruir Shangai. Que não fique pedra sobre pedra!...

— Mas não diga isso!... Por que, Joaquim?...

— Aquillo é o pardieiro do mundo! Ainda ha dias, eu vi um Film, *Marujo Amoroso*, que tinha trechos passados em Shangai. Que horror! Que immundice! Que gente ladra, canalha!... Só a bala, meu amigo. A bala!!!

——oOo——

— Queria mandar minha pequena para um internato, sabe... Mas o diabo é que...

— Que o que?

— Que não ha um collegio que preste nesta terra!...

— Ora essa! O "Sant'Anna" é esplendido! Ainda temos o "Santa Clara" e o "Santa Alexandrina"!... Optimos!...

— Qual nada! Você assistiu *Confissões de uma joven?*

— Não...

— Pois vá ver e deixe essas "Santas" todas em paz, meu amigo! Aquillo é que é collegio para mocinhas! Que asseio, que bom gosto, que gente fina, que colleguismo, que escola admiravel! Esses americanos.

——oOo——

— Está bem!... Até ahi a razão é sua! Agora responda-me esta: — e se houver um incendio no ultimo andar do predio da *A Noite?*...

— Ora... Isto é... Escadas! Para que existem escadas?...

— Mas oh João!... Não seja ingenuo! Então o nosso corpo de bombeiros tem escadas que alcancem a altura daquella antena?...

— Não tem, mas que diabo...

— Bombeiros são os norte-americanos!... O resto é conversa fiada!... Você assistiu *Os Homens do Fogo?*... Viu como é que aquella gente age? Lembra-te de *Os Bombeiros?*... E' aquillo, meu amigo. Doloroso, mas verdadeiro...

— O unico receio meu, nesta viagem, Aristides, é que Paris não me satisfaça.

— Não te satisfaça?... Que exigencia! E por que?...

— Sei que me vou divertir. Que vou gostar. Que vou passeiar. Que vou ver o tumulo de Napoleão. Mas...

— Mas o que?...

— Tenho medo dos homens!

— Dos homens?... Espantas-me! Não és um?...

— Que duvida! O meu medo é que elles venham beijando a torto e a direito, como vi, ha tempos, num Film, *As Tres Francezinhas*, se me não engano... Lá elles não se cumprimentam, não se abraçam e nem se dizem adeus sem beijos...

——oOo——

— Meu filho, escute. Quem venceu a grande guerra?...

— Os Estados Unidos da America do Norte, papae!

— O que?...

— Sim senhor!

— Ora meu filho! As visitas iam ouvir um prodigio e você me sahe um...

— Papae, o senhor assistiu *O Grande Desfile, Sangue por Gloira* junto commigo e ainda quer teimar que foram os alliados!?...

——oOo——

— E' a ingleza!

— Não senhor, é a americana!

— Estou lhe dizendo que a primeira é a ingleza e a segunda a japoneza. A terceira é que é a americana!

— Não senhor. Insisto! E' a americana!

— Mas meu amigo... Quem estuda um pouco sabe que nessa questão de esquadras, a ingleza é o numero 1 e a Japoneza, 2. Depois é que vem a americana!

— Mas meu amigo... Quem assiste Cinema, vae além: — vê! Antes da guerra, podia ser. Mas hoje em dia, a americana é a primeira esquadra do mundo. Você assistiu *Collegas de Bordo?*... Viu?... Ainda ha o que teimar?...

— E o seu heroe predilecto qual é?...

— Um delles é Fernão Dias Paes Leme.

— Por que?...

— Porque foi heroe, audaz, penetrador de sertões, conquistador de impossiveis!

— Illusoes... Esse senhor Leme era criancinha de peito ao lado dos primeiros desbravadores dos sertões norte-americanos! Ainda hontem eu assisti um Film, *Terra Virgem*, que narrava fielmente a vida dos primeiros colonizadores do Sul daquelle grande paiz. Que homens! Fernão Dias Paes Leme, com elles não andaria nem uma legua...

——oOo——

— O Alaska foi descoberto pelos Estados Unidos!

— Calma! A Russia é que vendeu aquelle trecho aos Estados Unidos!

— Vendeu nada, senhor! Deixe disso! Viu *Inferno Dourado?*... Ainda quer teimar?...

——oOo——

— Hontem a policia andou direitinho. Gostei! Que pessoal! Commetteu-se o crime ás onze e ás seis, o cavalheiro já estava nas grades "estudando prá leão"...

— Homem, você é ingenuo! A nossa policia é mediocre!

— Mediocre? Não vá pelo aspecto!...

— Não é pelo aspecto, não... Você viu *A Guarda Secreta?* Menino, que policia!... Rapida. Fulminante. Desnorteante. Modelar. Completa. Absoluta!... Se elles descobrissem ás onze o crime, ás onze e dez o sujeito já estaria na cadeira electrica!...

——oOo——

— Papae, vamos a Vienna!

— Vienna?...

CINEMA

(Octavio Mendes escreveu e leu para o microphone da Radio-Sociedade)

— A terra da valsa... Do sonho... Da musica...

— Podemos ir, perfeitamente, mas musica ha lá, em Paris, em Veneza...

— Mas o senhor não viu *Noites Viennenses, O Tenente Seductor?*... Aquella gente faz tudo cantando, papae! Que maravilha! A gente chega num café, o violinista vem tocar ao nosso ouvido a melodia mais desconcertante... Os garçons são tenores bonitos e maviosos... Vamos, papae!

——oOo——

— De Paris vamos a Lisbôa. Depois... Regressaremos a Paris e vamos a Berlim.

— E Madrid! Tão bonita!

— Não... Tem muito toureiro... Tenho a impressão que aquillo cheira a açougue! Você não se lembra de *Sangue e Areia?*...

——oOo——

E é assim. O Film, hoje, está no sangue do mundo todo. Cinema faz parte da vida. O bom chefe de familia conta a verba para a casa, para o padeiro, para o leiteiro e açougueiro e, no fim, antes de fechar a somma, accrescenta: — Cinema... tanto! E fecha...

E não é para menos. E' uma diversão popular. Natural como a vida. Cheia de casos que a gente viu na casa do vizinho da direita, aquelle que tem os filhos sempre com a cara suja... Mosaico de situações diarias, feitas com photo-

genia, imaginação e intelligencia, alguns, os Films dominaram o mundo e o terão pelo resto da vida. Supplantaram o theatro pela agilidade e pelo campo que é o mundo todo. Ha gente que passa com roupas poucas. Mas não passa sem um bom Cinemazinho, com o deliciamento diante do artista predilecto...

E com esse vehiculo enfeixado quasi exclusivamente nas suas mãos, os Estados Unidos vão dando motivos para dialogos como os que citei. Aqui. Na Argentina. No Chile. No Mexico. Em varios logares do mundo. Ha gente, hoje, que acredita ser a Legião Estrangeira que a França mantém na Africa uma criação *yankee*... Viram *Beau Geste*, viram tantos outros Films!

Em *Prohibida de Amar* Lupe Velez é uma chineza que soffre. Só deixa de soffrer quando apparece o "mocinho" que é fatalmente americano e a salva em todas as difficuldades. A Metro não apresentou Ramon Novarro, em *Ben Hur*, como rapaz americano em passeio pela Italia, porque era exaggero e ficaria supinamente ridiculo. *Du Barry* era franceza. Mas a gente tem uma séria suspeita de que *Cosse de Brissac*, seu namorado, fosse *yankee*...

Em summa. Sente-se a bandeira americana em tudo e o patriotismo americano por tudo. Mostrando o Canadá, mostram gente pobre. Accidentes com a celebre policia montada. Não mostram Montreal, Ottawa. Mostrando a Oceania, apresentam australianos atrazados que se defendem e atacam com o *boomerang*, chicote australiano. Não apresentam Sidney e seus progressos. O mesmo fazem com todos os paizes que têm que mostrar. A America do Sul soffre o caustico contra as febres, o calor, o aspecto hespanhol, as villanias. Os homens movem-se a cavallo pelas ruas. Não ha progresso. Sobre o Japão ha absoluto silencio. A menos que Filmem *Mr. Wu* ou *Madame Butterfly*... Os Films americanos são extremamente fracos de memoria para tudo que não seja americano.

Ainda que com prejuizo para a geographia, etc.. Todo "gangster" chama-se Guiseppe ou Giovani. São italianos. A gente sente o mal aspecto de um batalhão em marcha, quando ha desigualdades de altura. Sem querer a gente pensa num corpo do exercito americano que a gente viu em Film. Homens grandes. Fortes. Todos quasi

BRASILEIRO

da mesma altura. Mas ninguem se lembra de espreitar os marujos de qualquer navio de guerra americano que passa pelo nosso porto. Ha baixos e altos. São iguaes a todos! O Cinema é que dá essa poderosa impressão que tanto beneficia um paiz! Póde-se dizer sem susto, mesmo, que o Cinema Americano teve o poder de fazer os Estados Unidos o primeiro paiz do mundo. A propaganda é tudo! E os Estados Unidos sempre souberam tirar proveito dessa alavanca poderosa e indiscutivel. O Cinema tem sido o braço direito dentro daquelle imponente paiz. Milagres tem conseguido. Principalmente dentro delle proprio, onde mostra, diariamente, os problemas principaes da nacionalidade e combate os defeitos. Enfrentam problemas politicos. Combatem a bebida. Arrazam o banditismo. Tudo por intermedio de Films bem feitos. Dão ao povo americano a intima e segura convicção de que são realmente poderosos! Povo grande e justamente orgulhoso do seu paiz, vendo o que elles são diante do mundo e presenciando, pelos Films, o que repretam diante do conceito de todas as Nações, mais ainda se orgulham de si proprios e é por isso que elles progridem dia a dia e melhoram sem cessar. Não é o Cinema que consegue isso. Mas é o Cinema que anima, mostrando. Que enthusiasma, exhibindo. Que convence, esmiuçando. Que dá a solida confiança que cada americano tem em si e na Patria.

E' errado isso? Commetter uma injustiça com outro paiz. Não mostrar o progresso alheio? Occultar o bem dos outros para só mostrar o seu?

Não. Está certo. Cada paiz que tenha o seu Cinema e faça a sua propria propaganda. Elles não têm a obrigação de fazerem propaganda das bellezas de Sidney e nem das qualidades de Ottawa. Têm obrigação, sim, de mostrar a impeccavel California e a deslumbrante New York. Porque é a terra delles. Cuidam della. Os outros que cuidem de si. Elles sempre sophismam e nunca offendem. Com historias bem urdidas, mostram aquillo que querem e precisam mostrar. O publico vae para ver John Gilbert ou Ramon Novarro. Mas assiste, em redor delles, manobras da marinha, operações do exercito...

Têm razão e não merecem por isso censura. Ninguem faz Cinema para beneficiar o alheio. E é preciso que isto seja aqui no Brasil bem comprehendido. O facto de se fazer Cinema, aqui, não é a finalidade ganhar dinheiro. Esta é a consequencia logica, sendo bom o producto. O facto, a questão moral, é mostrar o Brasil aos Brasileiros. Dar ao Brasileiro a confiança em si mesmo. Provar que elle é digno de figurar ao lado de qualquer grande povo civilizado. Apresentar, pela vista, o orgão que mais se fere e mais impressiona, o quanto vale a nossa terra, o nosso progresso, a nossa educação, cultura. Mostrar que respeitamos tambem uma bandeira. Que temos obrigações moraes com a Patria, a familia e a sociedade. Que temos um lar moderno, cheio de cousas interessantes. Que temos colleguismo. Que temos religião. Que temos moral. Que nos educamos. Que produzimos. Que cultivamos. Que inventamos. Que attingimos todas as métas do moderno paiz. Tudo isso podemos mostrar ao redor de historias como querem os nossos *fans* de Cinema e com typos e artistas que têm photogenia, porque duvidar disso seria negar a gente bonita que vemos diariamente pelas ruas e que offerece muita photogenia, elegancia, bom gosto e intelligencia que o Cinema aproveitará bem. Nossos directores já conhecem o officio, varios delles. Nossos operadores estudam e melhoram dia a dia seus conhecimentos. Tudo está a favor. E não perdem a *chance* de investir! E para a investida é preciso que todo Brasileiro se interesse pela causa e dê o seu apoio. Ahi então estará o Cinema Brasileiro seguro e para sempre no seu posto. Não importa que se exhibam Films do mundo todo pelos nossos Cinemas. E' até bom e util. Mas é preciso tambem existir o nosso, para nossos problemas, nossas causas, nossas campanhas, nossa gente! Será um Cinema simples, modesto, franco, sincero e humano como é nosso povo

Exhibiamos 3 ou 4 Films por anno. Hoje já se exhibem mais de doze. Ha publico para todos elles e dão lucro. O Brasileiro interessa-se pelo que é Brasileiro. Mas é preciso que o interesse seja geral, para apresentarmos trinta por anno ou quarenta. Ahi teremos chegado ao resultado final da luta. Teremos Cinemas só para Films Brasileiros. Linhas de distribuição só para Films Brasileiros. E todo Brasil verá o Brasil. Consultaremos o Norte sobre suas necessidades, mostrando-as ao Sul. Enthusiasmaremos o Sul pela causa commum de um só nome: — Brasil! Unificaremos de vez a Patria. Exterminaremos as más causas. Combateremos problemas nossos. Será o dia gigante do Cinema Brasileiro, esse!

O Studio da *Cinédia* fez um Film durante a sua construcção: — *Labios sem Beijos*. Depois apresentou *Mulher*... Esté concluindo *Ganga Bruta* e tambem vae apresentar *Onde a Terra Acaba*..., producção de Carmen Santos. Outros Studios surgirão, como já surgiu o da Byington. E ahi estará a industria. Falta pouco. Esse pouco eu apontarei na minha proxima palestra. E uma cousa aqui ainda precias ser dita: — o Cinema Brasileiro, que era orphão de qualquer attenção, hoje já merece estimulo de nomes de valor e de instituições de merito. A Radio Sociedade do Rio de Janeiro collaborando como está pelo Cinema e pelo theatro brasileiro é uma prova disso que acima affirmamos. O Studio da *Cinédia*, esta semana, recebeu a visita do dr. Roquette Pinto, que o visitou por todos os recantos, interessando-se por tudo quanto viu. O conforto destes nomes de prestigio tambem é digno de nota e merece a especial atteção daquelles que ainda vacillam.

——oOo——

A Fam-Film, de Campo Grande, Matto-Grosso, acaba de Filmar as scenas historicas de "Alma do Brasil", o Film que está produzindo em substituição á "Aurora do Amor", conforme "Cinearte" já noticiou, por occasião da estadia de um dos productores no Rio, ha mezes. "Alma do Brasil" que revive certas scenas da guerra do Paraguay, exigiu para a reconstituição desses quadros uma "locação" de cerca de um mez; nos proprios locaes historicos, e gastou na confecção destas scenas mais de 180 "extras" o que vem provar mais uma vez a importancia que o Cinema Brasileiro já possue, apesar de todas as barreiras que se encontram no seu caminho...

Carvalho Netto, director da "A Noite" e Nestor Guimarães do mesmo jornal, tambem visitaram os Studios da "Cinédia" e foram recebidos por Déa Selva.

Ha dezeseis annos, mais ou menos, Gloria Swanson, banhista Mack Sennett, casou-se com Wallace Beery, criador de papeis femininos em comedias. Foi a primeira vez que o nome da **estrella** galgou o titulo de uma noticia de jornal, em Los Angeles. Desde esse dia, 20 de Fevereiro de 1916, os titulos nas noticias Cinematographicas dos jornaes começaram a engrossar cada vez que noticiavam um facto da vida de Gloria Swanson.

Contaram seus quatro casamentos. Seus tres divorcios. Os primeiros saltos do seu coração enamorado. Seu interesse ardente por um nobre francez. A sua magua quando terminou esse romance.

Contaram a sua ascenção, do nada a fama. A sua fortuna que cresceu de dia para dia. A sua subita quasi bancarrota. A sua ascenção novamente á fortuna.

Mas os casos que elles contam de Gloria Swanson, são, afinal de contas, os mesmos que se contam de toda **estrella** de Cinema realmente celebre. Mas um caso que é mais profundamente de Hollywood do que qualquer outro.

Nos seus dias de principiante, ella foi justamente aquillo que o **fan** della esperou e tambem esperou de Hollywood.

Ella se vestia extravagantemente, com mau gosto, mesmo. Andava sempre num carro pintado de amarello. Fazia, com o mesmo, cousas realmente incriveis. Para mostrar o poder da sua vontade, ha um caso que com ella se passou: — certa vez ella quiz areia para a sua piscina. A companhia com a qual tratou a remessa, não a quiz fazer no domingo que ella escolheu. Não se deu Gloria Swanson por vencida. Arrendou varios taxis e pol-o fazendo a remoção da areia da praia para a piscina da sua casa... **Isto para provar que** Gloria Swanson **sempre consegue** aquillo que quer.

Hoje em dia ella já se veste com muito maior moderação e é, mesmo, intitulada, com justiça, cremos, a mulher mais bem vestida de Hollywood. Vive com maior sobriedade, tambem e, apesar disso, continúa sempre sendo rainha.

Tudo quanto ella faz é ousado, rapido, Cinematographico, mesmo. Este seu ultimo casamento com Michael Farmer, por exemplo... E justamente no dia em que Constance Bennett casava-se com seu ex-marido, o **marquis**...

Eis sua historia agora, como foram publicadas em titulos, desde 1916.

* * *

20 de Fevereiro de 1916 — Wallace Beery comediante, casa-se com Gloria Swanson, banhista da companhia Mack Sennett.

1 de Junho de 1917 — A banhista Gloria Swanson abandona o marido. Pede 2.000 **dollars** de indemnização. Elle ganha, presentemente, 125 **dollars** por semana e ella 75.

13 de Dezembro de 1918 — Wallace Beery ganhou o divorcio, allegando abandono do lar. Dizem que Gloria lhe escreveu: — "Não quero que você chore. Não adianta me acariciar ou agradar, saiba." Wallace Beery poz questões de dinheiro no meio da causa e, ainda, allega que Gloria não quiz saber de filhos e suas responsabilidades.

Junho de 1919 — Gloria Swanson **estrellando** os Films de Cecil B. De Mille, **Não Troqueis Vossos Maridos, Porque Trocar de Esposa?** (este dirigido pelo mano William), etc... Como consequencia destes Films, **estrella** e director estabeleceram a necessidade nacional para o uso de banheiros os mais complicados do mundo.

23 de Dezembro de 1919 — Interessante romance culmina com o casamento da **estrella** da Famous Players Lasky, Gloria Swanson, com Herbert K. Somborn, rico homem de negocios de Pasadena, como consequencia de varios mezes de amisade. A noiva declarou ter vinte annos.

Outubro de 1920 — Gloria II nascida do casamento de Gloria Swanson e Herbert Somborn. A mãezinha declara que tirará a pequena totalmente do terreno da publicidade.

14 de Setembro de 1921 — Gloria e Somborn dados como separados.

4 de Outubro de 1921 — Accusada de conspirar com sua mãe num negocio de 100.000 **dollars** contra W. P. Burns, ex-padrasto. Accusada, durante o julgamento, de estar "tapeando" a bôa fé de um ricaço, fingindo amal-o, estando já de casamento tratado com outro.

26 de Maio de 1922 — Photographia de Gloria Swanson enviada pelo telegrapho á Europa, a primeira no mundo a ser transmittida assim.

11 de Julho de 1922 — Nome sahe limpo em todos os processos.

9 de Agosto de 1922 — Somborn e Gloria separam-se de vez. Ella declara: — "Minha carreira é tudo quanto importa!"

27 de Agosto de 1922 — Gloria em viagem pelo Continente, gasta 10.000 com roupas. 3.000 com roupas brancas. 500 com chapéos. 290 com meias. E ahi por diante.

22 de Fevereiro de 1923 — Corta o cabello. A sua gloria de **estrella** soffre abalo com alguns Films fracos.

29 de Março de 1923 — Somborn inicia acção de divorcio.

13 de Agosto de 1923 — Descoberta por reporters num hospital de New York.

A natureza do internamento é mantida em segredo. Diz aos reporters em voz baixa e summida: — "a natureza da minha molestia não é da conta de ninguem sobre isto."

20 de Setembro de 1923 — Somborn consegue o divorcio.

3 de Outubro de 1923 — Morre-lhe o pae em San Pedro, onde se achava como auxilliar de um departamento do exercito.

Swanson, de 1916 a 1932...

15 de Novembro de 1923 — Adoece, victima das luzes Kleig.

29 de Março de 1924 — Dá festa de anniversario no Ritz-Carlton, em New York. Rudolph Valentino, Bebe Daniels encontram-se entre os convidados.

23 de Julho de 1924 — Quando o **Leviathan** chega ao porto, traz um sopro quente de romance comsigo. Affirmam que Gloria está quasi noiva do celebre violinista Jascha Heifetz. Desce toda vestida á européa e sempre com exaggeros em vestidos e joias.

15 de Agosto de 1924 — Embarca novamente para a Europa.

27 de Outubro de 1924 — Nobre apaixona-se por Gloria. Henri le Bailly de la Falaise et de la Coudraye, faz a côrte declaradamente a Gloria Swanson e Paris espreita. O mundo todo, tambem. Gloria vive luxuosamente no numero 10, Place des Etats Unis. Conclue um seu Film feito em Paris, **Madame Sans Gêne**, em Janeiro.

11 de Janeiro de 1925 — Será, em breve, a **estrella** melhor paga de todo mundo. Pede 15.000 **dollars** semanaes para continuar. Norma Talmadge, com 12.000 e Tom Mix, com 10.000, são seus rivaes mais chegados. (Nota: — hoje em dia, Constance Bennett, uma sua rival, é das artistas mais bem pagas de Hollywood).

28 de Janeiro de 1925 — Ganha o titulo de nobreza. Casada, pelas autoridades parisienses, com o Marquis Henri de Bailly de la Falaise et de la Coudraye.

30 de Janeiro de 1925 — Lua de mel com o **marquis** emquanto o Film espera.

13 de Fevereiro de 1925 — Ganha medalha franceza, entregue pelo Ministro das Bellas Artes.

19 de Fevereiro de 1925 — Adoece em Paris, subitamente. Levam-na para um Hospital.

20 de Fevereiro de 1925 — Melhora. Ainda não se sabe a natureza da molestia.

21 de Fevereiro de 1925 — Peora. Está em perigo de vida. 41 gráos de febre. A imprensa prepara necrologios.

24 de Fevereiro de 1925 — Ainda em estado grave. O **marquis** provavelmente dará sangue para uma transfusão.

25 de Fevereiro de 1925 A crise passa. Viverá.

27 de Fevereiro de 1925 — Rapida convalescença.

7 de Março de 1925 — Deixa o hospital e volta para casa.

10 de Março de 1925 — O **Marquis** nega ter sido, antes de conhecer Gloria, chefe de restaurante. Censura a imprensa Parisiense, á qual quer atacar.

16 de Março de 1925 — Gloria propõe metade dos lucros nos seus Films, á empresa productora.

27 de Março de 1925 — Multidão de 5.000 pessoas espera Gloria e o **Marquis** no regresso a New York. Caminhada triumphal até á prefeitura. Successo.

8 de Abril de 1925 — Rumores de que Gloria Swanson possivelmente não assignará novo contracto com a Paramount.

13 de Abril de 1925 — Gloria e o **Marquis** voltando rapidamente para Hollywood.

25 de Abril de 1925 — Gloria e o **Marquis** chegam a Hollywood. Banda na Estação. Caminhada triumphal pela Cidade. Flores. Successo.

7 de Maio de 1925 — Adopta um pequeno para fazer companhia á filhinha. Chama-o Joseph de la Falaise.

13 de Junho de 1925 — Termina o contracto com a Paramount.

19 de Agosto de 1925 — A casa de 200.000, em Beverly Hills, é posta a venda.

1 de Setembro de 1925—Paga 57.075.70 de imposto sobre renda.

27 de Setembro de 1925 — Embarca novamente para a França.

7 de Outubro de 1925 — Dizem que o Marquez. não é Marquez. Elle affirma que é e cita a linhagem.

8 de Outubro de 1925 — O advogado Milton Cohen segue para Paris afim de tratar de negocios da **estrella**.

9 de Outubro de 1925 — Rumores de que Gloria Swanson irá pertencer a United Artistis.

5 de Novembro de 1925 — Volta a New York, de Paris, novamente.

6 de Janeiro de 1926—Doente em New York. Affirmam que desta não escapará.

20 de Janeiro de 1926 — Persistem os rumores da sua morte. Dizem que uma **double** tomará o logar de Gloria Swanson.

21 de Fevereiro de 1926 — Affirmam que se espera um "herdeiro" do **Marquis**.

25 de Julho de 1926 — O **Marquis** embarca para Paris.

9 de Agosto de 1926 — Alexander Cohen, seu empregado, procura acção contra ella, declarando que ella o esbofeteára.

10 de Novembro de 1926 — O marido diz que tambem vae trabalhar em Cinema.

11 de Novembro de 1926 — Gloria, em New York, diz que tem Hollywood pela garganta, por muito tempo. Affirma que irá para a Europa e lá fará Films.

27 de Março de 1927 — Volta para Hollywood depois de quasi dois annos de ausencia. Traz um novo galã: — John Boles, antigo **usher** de theatro.

13 de Agosto de 1927 — O **Marquis** torna a ir para Paris. Affirmam que o casal já está separado. Gloria vae a estação e chora até o trem partir.

22 de Setembro de 1927 — O Marido de Gloria volta da Europa e os jornalistas o encontram em **tête-á-tête** com Irene Bordini, a bordo.

6 de Outubro de 1927 — Gloria nega a historia escripta de que ella nascêra em Semlin, Yugo-Slavia e, tambem, de que seu nome seja Franziska Pfeffer. Affirma que nasceu em Chicago.

15 de Novembro de 1927 — Queria passar férias. Não as poude ter por causa de negocios.

23 de Fevereiro de 1928 — Gloria em New York. Marido em Paris. Declaram que não estão separados, no emtanto e que continuam amandose muito.

26 de Fevereiro de 1928 — Gloria quer representar em **Sadie Thompson** (Seducção do Peccado). Diz que ama o papel de **Sadie** tanto quanto Jeanne Eagels, que o criára no palco.

6 de Março de 1928 — O marido não pode voltar á America por questões de passaporte.

8 de Março de 1928 — Gloria volta a Hollywood, de Palm Beach. Sua mãe a encontra na estação. Continúa a negar os rumores de separação.

17 de Março de 1928 — Desfeitas as difficuldades do passaporte do **Marquis**. Voltará a 28 de Março para os Estados Unidos.

27 de Abril de 1928 — **Marquis** e o irmão de la Falaise, chegam a Hollywood.

13 de Junho de 1928 — A **estrella** paga 18.889.98 de impostos.

14 de Junho de 1928 — Cohen ganha della a somma de 25.000 **dollars** na questão por causa da bofetada que allegou della ter recebido.

15 de Junho de 1928 — Termina o julgamento sem o comparecimento de Gloria Swanson.

16 de Junho de 1928 — O jury não sabe o que dizer, diante da apellação sobre se Gloria realmente deu a bofetada ou não.

14 de Outubro de 1928 — Terminado o caso Cohen.

10 de Novembro de 1928 — **Marquis** affirma que se empregará em Films, ainda. Mas não na companhia de Gloria.

20 de Novembro de 1928 —Affirmam que Gloria está quasi á bancarrota. Affirmam, tambem, que **Queen Kelly** lhe custára mais de um milhão de **dollars**. Talvez jamais seja exhibido. Seria seu Film falado.

10 de Janeiro de 1929 — Gloria despede-se do **Marquis** em New York. Elle torna a ir para Paris, como representante estrangeiro da Pathé, em Paris. Viverá lá.

18 de Fevereiro de 1929 — Gloria ganha o premio da Academia pelo seu papel em **Seducção do Peccado**.

28 de Maio de 1929 — Novos impostos: — 24.880.82.

28 de Junho de 1929 — Gloria vae a Paris visitar seu marido.

(Continúa no proximo numero).

LILYAN E JOAN receberão as cegonhas...

E' licito esperar que uma mãe de familia annuncie, aos quatro ventos, que, no praso tal, pretende receber mais uma vez a visita de madame cegonha. Mas quando a mesma declaração:

— Receberei um presente do céo, dentro de dois annos...

Vem dos labios de uma criatura que tem sido, no Cinema, uma de suas mais perigosas vampiros. Ou então da "garota moderna" mais endiabrada de todos os tempos. Ahi, sim, a cousa é para causar real admiração

Lilyan Tashman e Joan Crawford são as maliciosas e fascinantes criaturas que tomaram esta subita resolução.

Lilyan começou. Foi ella, sem duvida, a primeira das duas que, a seis reporters de jornaes e revistas, contou o "segredo". Esperava a visita de madame cegonha para um praso nunca menor de um anno e nunca maior de tres. Ahi, então, daria ao lar de Edmund Lowe uma felicidade que ha muito elle espera.

— E, o que é mais...

Declarou Lilyan, jamais tão pouco maternal quanto naquelle instante, em que trajava um pyjama loucamente moderno e nem siquer tinha um ligeiro aspecto de criatura que discute a sério um problema de maternidade.

— Eu estou falando a sério. Sei, perfeitamente, que o que o publico vae dizer, disso, é que é "mais uma idéa sensacional e moderna de Lilyan Tashman". Pensam que estou dizendo isso apenas para figurar entre as criaturas originaes que só dizem phrases de successo para a bilheteria da sociedade. Estão mortalmente errados. no emtanto... Esta noticia absolutamente não é publicidade. E' pura verdade! Além disso, por que poderá parecer ridiculo Lilyan Tashman pensar em ter um filho? Por que acham e pensam que eu sou uma mulher-malicia, dentro e fóra da téla? Por causa dos meus papeis de mulheres más e despreziveis? Santo Deus! Pois eu acho que uma mulher, quanto mais experiente seja, tanto mais apta estará para receber a benção de um filho. Só um filho póde ser a perenne felicidade para qualquer criatura.

E continuou ainda falando por algum espaço de tempo.

— Ed e eu amamos crianças. As crianças, por suas vezes, sempre foram affeiçoadas a mim. Uma das razões pela qual eu acho que as crianças me apreciem, é porque jamais tratei uma criança como se ella fosse criança, realmente e, sim, dando-lhe toda a attenção. Quando falo com uma criança, falo como se estivesse discutindo problema muito importante com gente grande.

— E' logico que cada mulher terá a sua theoria particular a respeito de educação infantil. A minha, é que a criança deve ter liberdade sufficiente para crescer com sua propria personalidade e nunca constrangida. Não que queira crianças desobedientes e mal educadas, não. O que digo, neste caso, é que, por exemplo, se uma criança não tiver vontade de estudar piano por não apreciar musica, para que forçar? Devemos dar á criança aquillo que ella queira, espontaneamente, particularmente em casos de educação.

— Razões femininas fazem-me achar que eu preferiria uma filha. Um menino, no emtanto, tambem não me seria desagradavel.

— Nome? Para meninas existem nomes admiraveis que eu sempre gostei.

Patricia, por exemplo. (Patricia, Lilyan?... Estou vendo que seu bom gosto é todo da modista mesmo...) Patricia Lowe é um bonito nome, não acha? Tambem gosto de Kay. Talvez seja este ultimo. porque associo muito o nome Kay á criatura Kay Francis, minha particular amiga e mulher que admiro intensamente. Jamais chamaria minha filha de Lilyan. Isso não! Duas Lilyans sob um mesmo tecto, mataria a individualidade de uma dellas. Mas se fôr menino o meu filho, acho que não resistirei chamal-o Edmund Lowe Jr.

Tudo nos seus eixos e considerada Lilyan como ella o deve ser, Hollywood, realmente. teve razão para se admirar quando ella declarou tudo isso. Tres ou quatro dias depois. no emtanto. já outro jornal noticiava que Joan Crawford, a mais moderna pequena de Hollywood, tinha marcado, tambem, o praso de um ou dois annos para se achar á disposição da visita de madame cegonha.

Depois da historia ter sido publicada, tanto Joan, como Douglas Jr. concordaram que, realmente, um filho seria para o lar delles. uma maravilha de felicidade. Uma cousa, aliás, que tem aborrecido muito a ambos é o facto de andarem sempre sophismando que as cousas não correm bem no lar de ambos. Nada ha de positivo sobre isso e, além desse caso, vivem, hoje, melhor do que nunca.

Quando Marion Davies chegou da Europa, Douglas Jr. foi sózinho ao desembarque, porque Joan fôra chamada com urgencia ao Studio para uma retomada de scena que tinha grande e imprevista importancia. Ella mesma suggeriu, nesse dia, que elle convidasse Hope Williams, amiga de ambos, para ser sua companheira e seu par na festa que se seguiu ao desembarque de Marion. Douglas e Hope dansaram varias vezes juntos. No dia seguinte já os normaes começaram a vociferar que o lar de Joan e Douglas não andava direitinho e que talvez se formasse um "triangulo" naquella historia...

Douglas, então, é que teve a idéa de receber a mais rapida possivel visita de madame cegonha para pôr, de vez, termo ás suspeitas e ruidos em torno desse caso.

Referindo-se ao caso, elle disse, mesmo, que nada de mais havia em querer elle que seu lar tivesse mais um, nelle, porque era esse o desejo normal e são de todo casal moço.

Desses casos todos, apenas o leitor poderá tirar suas conclusões. Joan Crawford e Lilyan Tashman têm contractos e responsabilidades de personalidades junto ao publico. Não se podem assim, sem mais aquella desfazerem-se de cousas que a bilheteria muito presa. O que farão?...

* * * Richard Wallace dá-se á mania da numerologia... mas isso não impede que elle seja um dos melhores directores de Hollywood e, actualmente, prepara-se para dirigir Tallulah Bankead em "Thunder Below"

* * * C. Garnder Sullivan e Bess Meredith voltaram a trabalhar juntos. Eis uma boa noticia para os verdadeiros "fans". Estão, no momento, empenhados na adaptação de "Red Headed Woman", Film que a Metro Goldwyn-Mayer vae produzir e que, provavelmente, terá Joan Crawford como estrella.

RICHARD

ARLEN

Nunca se viu uma photographia da casa onde nasceu. Nem de seus paes. Tambem nunca se o viu em escandalos. Mas tem tanta personalidade como Clark Gable, faz films de far-west mais agradaveis do que William Hart e a sua voz é melhor do que a de Conrad Nagle. Nunca amou Greta Garbo. Adora a sua esposa, Jobyna Rolston.

Carole . . .

Assim
ella vive
fóra
do studio...

Uma carinha nova que a Columbia vae apresentar.

Constance Cummings. Ella e a Snra. Kate Cummings

Lagrimas

Nos tempos da "Moeda quebrada"

Grace Cunard foi rainha das séries naquella epoca em que Francis Ford era Tom Tyler das mesmas... Era uma epoca quasi primitiva para o Cinema, mas era boa. Nós nos lembramos della... E com que saudade!... Acompanhamos um Film em serie seu. Gostamos. Não perdemos mais nenhum. Era sincera. Tinha, nos olhos, a côr da honestidade e, no physico, encantos que a tornavam adoravel. Depois sumiu. O Cinema avançou. Films e mais Films. Grace Cunard ficou na curva da estrada. Quando a mala posta sumiu na curva, livre do ataque dos indios, ella olhos para o companheiro Francis Ford, rheumatico e velho.

— Pobre amigo!

E seguiram a passo pela estrada. Depois ella quiz voltar. Nunca mais ninguem lhe deu attenção. Ha pouco tempo, avidos, vimol-a em *Ressurreisão*, ao lado de Lupe Velez. Papel pequeno. Mas outra Grace Cunard. Não aquella da *Moeda Quebrada, Mascara Vermelha*...

O artigo que se segue, foi ella propria que escreveu. "*Forçaram-me a Renunciar!*". E' o titulo do seu brado. Ouçamol-a!

——oOo——

Uma *estrella* de Cinema, bonita, joven, com cilios orgulhosamente longos e admiraveis, trezentos *dollars* por semana de ordenado, seguiu para a estação num carro fechado. Nevava. A *estrella* vinha de Hollywood para o limite mais gelado daquella zona da Nevada, fronteira com a California, para uma scena, apenas, de tempestade. E era uma scena curta. Ella devia atirar-se do carro, ainda em movimento e, sobre a neve, plena tempestade, correr atraz do trem que partia levando o seu presumido apaixonado.

Emquanto o director e a *camera* esperavam a passagem de um trem de verdade, a *estrella* discutia comsigo mesma.

— E' ridiculo você sujeitar-se a isso! Seus pés gelam. Talvez apanhe um resfriado forte!

O director era sympathico á causa, mas não podia nada fazer. Quando ella lhe disse o que minutos antes discutira comsigo, elle lhe respondeu:

— Mas é um facto importante no Film, Miss. Não é possivel omittil-o.

A *estrella* voltou ao seu aconchego, dentro do carro e seus labios temperamentaes perseveraram.

— Exijo que mande buscar a minha *double*!

E elles, sem outro remedio, mandaram buscar a Hollywood a *double* para a *estrella* e esperaram que cahisse outra tempestade justamente no momento em que passasse, como um raio, o expresso...

Isto aconteceu outro dia, durante os primeiros destes presentes e gelados dias e durante o primeiro periodo de tempestades. O egoismo da *estrella* bonita venceu.

Façamos com que regressem os annos e visitemos esse mesmo ponto em companhia de uma rainha de Films em serie, a mesma rainha de series da qual muito lhes vou contar a seguir...

Como quando a *estrellinha* moderna mandou buscar uma *double*, nevava. Mas já nevava ha dias e dias. Blocos gigantescos de neve desprendiam-se das montanhas e rolavam para os valles. As machinas degeladoras tinham um trabalho insano.

Chegou a palavra a Hollywood. Ou antes — a Universal City. Chegou ali a palavra e contou o que se passava naquellas zonas geladas, completamente. E os chefões da Universal City acharam que deviam por uma scena, ao menos, de tempestade de neve no Film em series que faziam, *A Moeda Quebrada*.

Mais tarde, no dia seguinte, a rainha das series cujos predicados perigosos eram atirados pelo mundo todo, em noticias e commentarios de publicidade e fama, chegou, com sua companhia toda, justamente nessa mesma fronteira com Nevada, e poz-se a pensar diante daquelles pesados blocos de neve. Nisto veiu-lhe uma idéa.

— Eu sei o que vou fazer amanhã!

E no dia seguinte quando parou ali o expresso, machinas e director promptos, ella assaltou valentemente o trem, até alcançal-o, na corrida e, arriscando-se a tudo. Com difficuldades ergueu-se. Cabellos esvoaçantes. Blusão de malha roto. Nuca descoberta e tomando toda aquella aragem gelada. Quando conseguiu subir, afinal, auxiliada por um empregado qualquer do trem e censurada violentamente pelo chefe do mesmo, tinha feito a scena e, parando na estação seguinte, voltava para a cidadezinha da fronteira onde tinha começado a representar aquella sequencia. Tinham alugado um vagão e uma locomotiva para o restante da mesma. Iriam representar o expresso. Partiram. Tambem ia uma carruagem alugada que ia figurar. Ella repetiu a scena vehemente da vespera em approximações. Seguiu na carruagem. Da mesma, pulando sobre o topo na ancia da fuga, aguardava a approximação da locomotiva. Depois, quando chegava o momento, repetia o lance

Na "Moeda Quebrada" com Rolleaux

que fôra photographada em *long shot* na vespera: — atirava-se do alto da carruagem para o alto do vagão, assaltando o trem.

— Corta!

Gritou o director, depois de terminada a scena, quando o galã apparecia.

— Bom trabalho!

Affirmava depois, animando.

— Tenho certeza que vae ser um successo. Mude de roupa e em seguida tiraremos as suas scenas atravez a tempestade, montada a cavallo.

Isto aconteceu á mim, Grace Cunard, então rainha das series e principal figura de *A Moeda Quebrada*...

Não existiam *doubles* para as *estrellas* das series de então. Faziamos nós mesmas os *stunts* todos e iamos quasi sempre fazer uma estaçãozinha num hospital qualquer. Era o Hospital da Bôa Samaritana, em Hollywood, lembro-me bem delle... Não raro elles o chamavam de Hospital Grace Cunard...

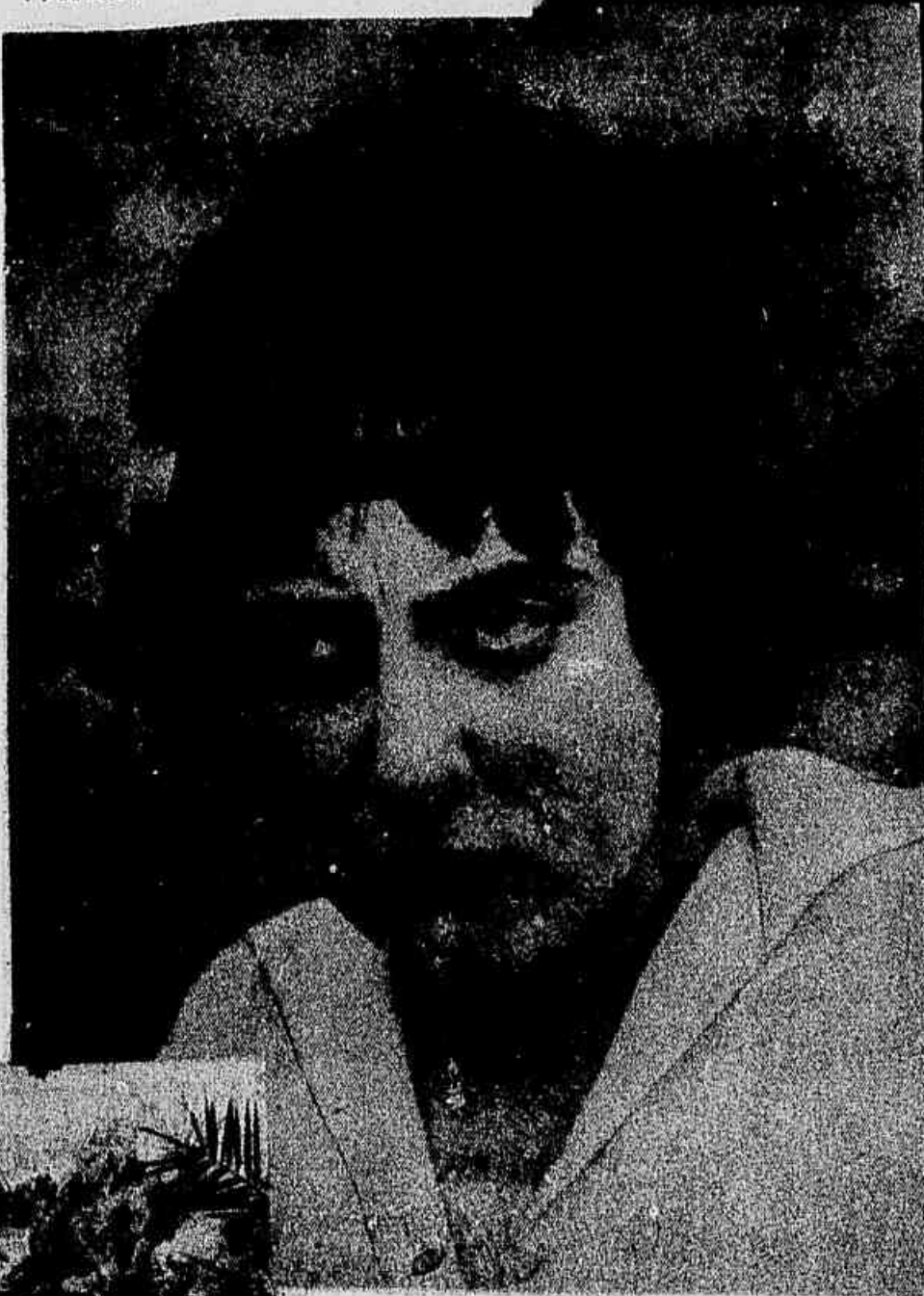
Eramos trés: Pearl White, Kathklyn Willims — que os animaes ameaçavam comer diariamente, quando, a não arranjavam, porque ella figurava de preferencia em series de selvas africanas — e eu. Nós eramos os tres nomes que o mundo todo que admirava Films em serie, apreciava mais. E eramos as mais bem pagas, tambem.

Ainda hoje, no minimo duzentas cartas semanaes recebo eu perguntando porque é que não volto ás series. Ha semanas, mesmo, que o carteiro me traz mil dessas perguntas. Os *fans* ainda se lembram de Grace Cunard e suas aventuras em companhia de Jack Holt, Francis Ford, Maurice Costello e os irmãos Moore, Owen, Tom e Matt.

Eu sei perfeitamente, que meus dias de *estrella* não podem mais voltar. Preciso viver da recordação do que era a Grace Cunard de então, ao lado de outras preciosas recordações que tenho. Tive dias de triumphos gloriosos e trabalho muito bem pago, principalmente porque elles diziam que era trabalho bem feito. Mas agora eu quero voltar. Não mais como *estrella*, é certo, mas como caricata que eu sei poder fazer com perfeição. Quero fazer esses papeis pelo muito que eu amo a minha carreira. Nós que fomos "rainhas de series", sabemos, melhor do que ninguem, todos os segredos da arte de representar. Dos meus ganhos eu salvei 800.000 *dollars* e perdi destes mais da metade porque não liguei muito ao resto, depois de finda a minha aventura com Joe Moore. Mas ainda não tenho lobos á porta e felizmente as manhãs da California ainda continuam doiradas para mim.

O que eu não quero é que digam que a "rainha das series" não sabe representar!

O primeiro dinheiro que ganhei de Cinema, foram cinco *dollars* por dia de trabalho, com D. W. Griffith. Mary Pickford era um pouco mais do que eu. Ella fazia trinta e cinco *dollars* por semana. Norma Talmadge apenas começava, tambem. Ella recebia, nessa epoca, tres *dollars* por dia, apenas. Pearl White era a *estrella* mais bem paga de então. Isto á: — das futuras *estrellas* que dali sahiriam e que tarbalhavam com Griffith. Foi Griffith que me disse que estudasse Pearl White.

Numa scena da "Moeda Quebrada"

Lembram-se de Grace Cunard em "A domadora"?

Grace nos tempos da "Moeda Quebrada" com Francis Ford e Carl Laemmle que tambem tomou parte no Film.

Os dias de Films em series começaram com "A rapariga mysteriosa". Carl Laemmle, que fundou a Universal, escolheu-me para ser *estrella* do Film. Eu iria ser a rival de Pearl White, na industria e receberia 125 *dollars* por semana. Eu era muito joven — isto foi em 1912 — e era feliz. Pearl ganhava, eu sabia, a incrivel somma de 200 *dollars* semanaes, com a Pathé e eu sabia, intimamente, que podia ser tão boa *estrella* quanto ella. Fomos sempre rivaes.

Naquelles tempos iamos para o Studio ás oito da manhã. Já promptas para trabalhar. Se alguem suggerisse a Mr. Laemmle que nós deviamos ter uma empregada ás nossas ordens, elle teria uma apoplexia! Nós nos vestiamos e nos desvestiamos e nos maquillavamos com apenas os auxilios de nossas proprias mãos... Conheço uma *estrella*, hoje, que mantem uma criada ao lado do seu quarto de dormir, a noite toda, para que ella, se accordar, não precise accender ella propria a luz ou precise tomar agua. A criada fará isso...

A maioria das scenas eram tomadas ao ar liver. Jamais faziamos menos de cincoenta scenas diariamente. E de dez a quinze semanas esse trabalho era continuo e sem treguas. Um Film, hoje, não tem nem a metade das scenas.

Lembro-me de Kathlyn Williams vir me visitar, uma noite, porque eu estava em casa com uma costella partida. Mas eu só soube que a tinha partido na noite seguinte. Kathlyn estava nervosa. Ella figurava, nessa occasião, num dos seus Films em series para a Selig e com todo o zoologico de Selig em Los Angeles.

— O Coronel Selig tem um leão novo. — Commentou ella.

— E elle tem qualquer cousa commigo que não gosta... Se eu ao menos soubesse o que é, para mudar...

Doia-me immenso o lado offendido. Pulando por uma janella, naquella tarde, durante uma scena, o cavallo tinha-me atirado ao solo. Mas apesar disso eu me interessei pelo que ella me contava. Um leão novo queria significar que Kathlyn precisava tomar cuidado.

— Mas o Coronel Selig não irá por na sua serie, já, naturalmente.

Eu disse.

— Apenas o fará entrar quando souber que elle sabe urrar e ameaçar sem morder.

Conclui, animando-a.

— Elle é um leão realmente feroz. Disse-me Kathlyn.

— Urra que é uma belleza! O Coronel quer que eu escreva uma scena, hoje á noite, para a fazermos amanhã pela manhã. Os leões estão melhor pela manhã, antes de se cansarem, durante o dia. O Coronel quer uma scena do leão ameaçando-me montada a cavallo. Elle deve estacar um pouco e, depois sahir correndo atraz de mim. Eu levo muita dianteira, é logico, e eu devo leval-o á uma armadilha que estará preparada para o apanhar. Deve apparentar que eu tambem cahia e, dentro da armadilha na qual eu tambem tombo, fico á mercê do leão. O Coronel quer que o episodio ter-

(Termina no fim do numero).

Grace

Cunard

A ORPHÃ QUE AMEAÇA

Ha, nella, um desafio irlandez que se ri do desespero. Seu cabello é trigueiro. Seu corpo burilado com perfeição. Ella veiu das ruas de Brooklyn, de um orphanato, passando por todas as situações, na vida, que uma criança sem arrimo precisa enfrentar.

Compellida, pelas circumstancias, a deixar a escola aos doze annos, aprendeu a falar um esplendido inglez e conduzir-se como uma authentica duqueza.

Sob um aspecto, uma pequena antiquada: — ella ama um só homem e lhe é fiel. Na vida particular, é *madame* Frank Fay. No Cinema: — Barbara Stanwyck.

Tem vinte e quatro annos de idade. Artista de raros dotes, usa sua habilidade sem humildade, egoismo, affectação ou convencimento.

Sua mãe foi colhida por um automovel que era conduzido por um homem bebado. Barbara tinha dois annos quando isso aconteceu. Sua mãe morreu. O homem jamais foi encontrado. Seu pae, um ladrilhador perdido de vicios e quatro outros filhos, tres pequenas e um menino, foram assim postos ao abandono daquelle pulso. O irmão, hoje, espera inutilmente curar-se de uma tuberculose, no Arizona. As duas irmãs morreram de maus tratos. Uma dellas trabalhou algum tempo em theatro, inutilmente, até á morte. Seguiu-se-lhe a irmã e ambas sem siquer conhecer o ligeiro sabor do triumpho.

O seu nome verdadeiro, aquelle que usou na infancia, foi Ruby Stevens.

Se não fosse o brilho irlandez do seu olhar, passaria facilmente por judia.

Ella se tem, na vida, aprofundado bem profundamente na tragedia e no soffrimento, a tragedia e o soffrimento que ella vive tão bem nos Films.

Além da morte de sua mãe, seu pae, abandonando-os á mercê de extranhos e da improvavel caridade alheia, foi procurar emprego na zona do Canal do Panamá.

Uniram-se e cerraram forças numa vanguarda decidida contra o exercito da miseria que avançava sobre elles. Apesar de perdido pela bebida, o pae, afinal de contas, tinha certa decencia, nos momentos de lucidez. Tudo quanto elle conseguiu ganhar, mandou aos filhos. Mas não era sufficiente.

A sua filha hoje famosa, no emtanto, dá até hoje muito valor a seu esforço e ao seu sacrificio.

Ella viveu, até entrar para o maior de todos os tumulos da infancia, o orphanato, da caridade e da benevolencia de algumas familias que tudo faziam para a ajudar na medida do possivel.

Apesar de ser uma casa sombria, o orphanato, para ella, parecia um paraiso. A ultima familia em cuja casa estivera, tinha um filho idiota que quasi a matára numa allucinação, atacando-a com uma faca. Até hoje ella tem as cicatrizes desse selvagem ataque.

Depois de seis annos no Canal do Panamá, mandou o pae daquellas pobres crianças a noticia de que voltaria. Os quatro esperaram ansiosos e afflictos a chegada do vapor que o devia trazer.

Umas das razões da alegria delles, era que o pae tinha escripto que elles iam ter novamente um lar. Vestidos o melhor possivel dentro de suas miserias, os quatro, de bairros differentes de Brooklyn, foram, num domingo, esperar o pae ás docas.

Pelas vitrines dos caminhos que trilharam, as pequenas, cada qual dellas, tinham espiado mobilias pobres para a nova casa. Todas esperavam que a escolha dellas contentasse o pae. Apenas queriam aquillo que não tinham. Apenas esperavam uma felicidade que todos têm e a sorte nega apenas a uma pouca porção...

O vapor grande chegou. Todo cheio de sonhos! Um homem foi avistado por Barbara.

— Lá está papae!

Gritou. Todos gritaram com ella. Entraram, assim que a escada desceu. O pae não estava no navio. Morrera e fôra enterrado em alto mar, sahindo da terceira classe...

Na vida delles, o navio grande nunca mais entrou!

Seguiram-se mais sete annos de soffrimentos e amarguras. Aos treze, a futura artista deixou de lado todos seus cuidados infantis e esquecendo-se, mesmo, de que era ainda uma criança, poz-se a trabalhar para ganhar a vida.

Aos quatorze, sendo irlandeza de cabellos de fogo, um cavalheiro da casa onde elle trabalhava, falou com ella asperamente. Ella o mandou a um paiz quente e muito parecido com o Inferno...

Parece que o homem nem gostou e nem foi. Promoveu-a, ao contrario. Continuou na companhia até aos quinze e, nessa idade, entregou-se de corpo e alma a duas idéas: — estudar dansa e tornar-se uma missionaria na China.

Convencendo-se de que o Oriente era realmente muito longe, contentou-se com a idéa de estudar dansa.

Foi por essa epoca que ella escolheu o nome que mais tarde tornaria famoso tão casualmente como um scenarista roûba um *plot*...

Vendo um velho programma de theatro inglez, ella leu: — James Stanwyck. Era um artista. Delle Barbara emprestou o sobrenome.

Como aquelles que estudam dansa tambem precisam comer, Barbara fazia tudo quanto era trabalho possivel, desde pequena de escriptorio até vender mercadorias sem importancia pelas ruas, depois de exhibir amostras.

Entre empregos, como sempre, foi ella procurar um, — mais um!, aliás — ao Remick.

Procurando trabalho de escriptorio fizeram-lhe as perguntas classicas: Sabe escrever á machina ? Sabe tachygraphia ? E por ahi. Por ultimo o homem perguntou:

— Sabe dansar ?

Barbara respondeu:

— Alguma cousa.

O homem disse:

— Bem ?

Barbara respondeu:

— Assim, assim...

O homem disse:

— Onde já dansou você ?

A irmã de Barbara tinha dansado, em tempos, no Marigold Garden, de Chicago. Barbara lembrou-se disso, vertiginosamente e mais rapidamente ainda respondeu.

— Marigold Garden, Chicago.

Como o newyorkino não sabia a que distancia ficava Chicago, a resposta impressionou-o vivamente. Deram-lhe, por causa da resposta, um logar no corpo de coristas de uma revista que estava em ensaios.

Mais tarde, quando *The Noose* foi produzida, um dos pequenos papeis veiu ás mãos della. Sahiu-se tão bem, que, quando escolheram o elenco de *Burlesque*, puzeram-na diante do publico da Broadway num papel capital.

Por essa epoca Frank Fay fazia-se senhor do triumpho de quatorze semanas seguidas no Palace Theatre de New York.

Barbara visitou o theatro em companhia de uma amiga e foi lá que ella se encontrou pela primeira vez com seu futuro marido.

Na sua profissão elle era um "astro". Barbara apenas começava seus triumphos.

Depois de uma serie de encontros occasionaes e propositaes, alguns, um grande affecto nasceu entre ambos. Casaram-se e formaram o "team" Fay & Stanwyck. Conhecidos por esse rotulo apresentaram-se elles em varios cabarets de New York.

Chamando a attenção de magnatas do Cinema, foram-lhes promptamente offerecidos contractos para Hollywood.

Por essa epoca Frank Fay era o "successo". Barbara era um excesso de bagagem desconhecido...

A fortuna lhes deu mãos differentes. A Fay deram papeis grotescos e tão grotescos que mesmo qualquer dos doze Apostolos perderia a fama diante do publico se os tivesse. Barbara Stanwyck figurou em *Entre Portas Fechadas*, com Rod La Rocque.

Greta Garbo...

O Film foi tão ruim que quasi fechou as portas dos seus seguintes possiveis triumphos...

Ella até hoje estremece toda e arrepia-se só com a lembrança dessa primeira tentativa Cinematographica sua.

Barbara tornou-se confusa. Deram-lhe, na Warner Bros., um *test*. Esperou por semanas, ansiosa, o resultado. Foi um fracasso.

Tinham-na como figura sem qualquer possibilidade.

Mas nada disso conseguiu desarmar a sua coragem imperecivel.

Correram semanas. Um dia pediram-lhe novo *test*. Na sua linguagem crua de irlandeza, ella respondeu:

— Chega desse negocio infernal de *tests* !

Seu marido sentiu que havia uma grande magua naquillo tudo. Sem conhecimento della, Fay procurou Harry Cohn, chefe da producção Columbia e offereceu-se para pagar do seu bolso o seu salario se isso fosse possivel para que ella tivesse uma opportunidade.

A principio Cohn não se interessou. A eloquencia de Fay acabou convencendo-o.

— Ella tem tudo, Harry ! Emoção, enthusiasmo, eloquencia ! Eu sei ! Ella é minha esposa.

Chon deu-lhe a *cance* e, em abono seu, cousa rara em Hollywood, aliás, não acceitou o dinheiro de Fay e pagou o ordenado della com o dinheiro da fabrica.

O Film pouco mais fez para pol-a diante do successo que continuou invisivel. Seu marido, no emtanto, ainda mais convencido ficou da sua capacidade. Quando soube que se escolhia o elenco de mais um Film e, desta vez, um Film importante, elle procurou novamente aquelle Studio.

Por que não poderia Barbara ter esse principal papel ? O papel era o de uma pequena que palmilha ruas...

Frank Capra, o principal director da Columbia, não achava Barbara uma artista "sufficiente" para aquelle papel.

(Termina no fim do numero).

Arthur Lake e, familia

CELY NOMARA (Rio) — Você custa para escrever. Cely, mas quando o faz, vem sempre cheia de perfume, sempre trajando um papel bonito e photogenico, sempre intelligente e nervosa com a sua letra rapida e emotiva. E' um allivio ler uma carta sua. Faz o bem do descanço ao corpo exausto. Você é tão amiguínha, tão sympathica, tão enthuziasmada!

Escreva sempre e não passe tanto tempo sem dar noticias suas. Eu creio que este anno seja o da realização dos seus ideaes. Não se esqueça, no emtanto, que seu novo endereço aqui não consta e que não é possivel avisal-a num caso de resolução momentanea. Mas você tem andado triste? Não perca a fé, o que digo sempre. Tendo-a, terá o principal para vencer o tempo. Agradou, sim. Não o víu reproduzido? Agradeço ainda a amisade que me offerece e saberei prezal-a, garanto. 1.° O director de "A Taça da Vida" será Gentil Roiz; 2.° elenco ainda em formação; 3.° não tem mais. Difficuldades interferiram. 4.° Não creio que faça. E' caso para aguardar; 5.° varios redactores. Não ha um especial para a mesma, sendo que, no emtanto, maioria é feita por um só. As da primeira pagina, o dr. Mario Behring. E que tal? Tem apreciado os melhoramentos? Diga-me alguma cousa a respeito. Elle é um esplendido typo, sim. Era o villão de "A's Armas!", o Film que o lançou no Cinema. O Film, aliás, peccava muito por esse aspecto theatral. Você teve razão quando citou aquelle facto e acha que as coisas e as pessoas devem ser postas nos seus verdadeiros postos. Mas nem todos querem reconhecer isso... Todos os domingos, ás 21 ¼, pela Radio Sociedade do Rio de Janeiro, P. R. A. A. e já ha tres domingos. Cely, volte sempre. Não passe tantos dias pensando na vida...

KARL HEINRICH (Belém, Pará) — Mais uma esplendida carta sua com um commentario sensato sobre "Labios sem Beijos" Aliás você tem cousas certas e cousas erradas no mesmo. As erradas, no emtanto, não são culpa sua, propriamente. V. ignora certas cousas intimas do Cinema Brasileiro que o publico todo tambem ignora e que não vem ao caso relatar, porque não adianta. O publico quer ver o Film na tela e, na tela, analysal-o como bom ou mau. Se é defeituoso por isto ou por aquillo, isto e aquillo não interessam ao publico. De toda forma, em varios pontos você esteve bem certo. Mandei até a critica para o encarregado da "Pagina". O seu conhecimento de scenario é razoavel e com o apuramento de mais algumas cousas ainda cheias de arestas, ficará conhecendo perfeitamente o officio. Aquelle trecho em que você fala de "Martini Cocktail", então, muito bem observado. Não irá mais, não. Justamente isso que você diz, época de aguas e impossivel retardar a producção. Mas ainda irá um "unit" até ahi, sim, póde descançar, porque a "Cinédia" não quer se limitar aos muros do seu Studio, não. O Brasil todo é o seu campo. Mande-me dizer alguma cousa sobre a versão ingleza de "Jéca de Hollywood" que ahi viu. Faça um commentadio sobre o movimento de Cinemas novos dahi e outras cousas locaes que publicaremos na "Pagina" Este anno, provavelmente, "Cinearte Album" sahirá. "O Preço de um Prazer" tambem sahirá este anno, sim. Pois aperte, Karl, porque apesar de você ainda ser bem moço, os meus ossos ainda resistem, apesar de mais velhos do que os de Alec B. Francis, um aperto de amisade Até logo!

JOHN SHOESMITH (Ribeirão Preto, S. Paulo) — Meu amigo, nada do que você disse está certo. Se eu tivesse o endedeço particular de Ramon Novarro e o de outro qualquer artista, publicaria com muito gosto. Quer conhecer alguns? Aqui vão os que eu sei: — Anna May Wong, 241, N. Figueroa Street, Los Angeles, California; Patsy Ruth Miller, 808, Crescent Drive, Beverly Hills, California; Harold Lloyd, 6640, Santa Monica Boulevard. Hollywood, California: Jackie Coogan, 673,

HELEN CHANDLER TAMBEM DEIXOU O SEU NOME NA CELEBRE PORTA DA CASA DE LEW CODY.

South Oxford Avenue, Los Angeles, California; Estelle Taylor, 5254, Los Feliz Boulevard, Los Angeles, California; Barry Norton, 855, West Thurty Fourth Street, Los Angeles, California. De varios outros eu sei e quando pedem desses, dou. O de Ramon Novarro eu realmente não sei e não creio que alguem o saiba mesmo no proprio Studio. Elles lá fazem real segredo disso e a razão é para o paiz e não para o exterior. Não accredite que portão algum se feche por causa disso e muito menos que seja es-

Pergunte-me outra...

se o temor. Mas estou sendo absolutamente sincero. Mas qual é o seu interesse tão grande que chega a prometter até um presente util se eu lhe arranjar o endereço? Se fôr brasileiro que fale inglez, sim. Até logo, John.

GAÚCHINHA (Rio Grande do Sul) — A noticia que me dá é extremamente boa. E quando vier, não se esqueça, procure-me! E se estiver aqui, vencido, portanto, o obstaculo distancia, pode contar que terá a sua opportunidade. Mas venha com calma e não ponha um pé adiante do outro sem ser o momento preciso. Ricardo Cortez não era daquella "listinha", não! Ao contrario, o Octavio é até "fan" delle. Acha-se pressentemete na R. K. O. e pode lhe escrever para Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, California. Tem razão: — o seu olhar é inconfundivel e sempre esplendido. Já viu "Seu Homem?" Elle tem um papel admiravel! Até logo, Gaúchinha.

HOMEM DE MARMORE (Ribeirão Preto, S. Paulo) — Sim, Gilberto Souto é um chronista de raras qualidades e nos seus recentes commentarios aqui chegados já se revela mais á vontade. Aguarde os seus artigos! John Barrymore, M. G. M. Studios, Culver City, California; George O'Brien, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California; Chester Morris, Paramount Publix Studios, Hollywood, California. Billie Dove, United Artists Studios, Formosa Avenue, Hollywood, California. Não se esqueça, amigo Homem de Marmore, que são cinco em cinco endereços ou perguntas, sim? Volte quando quizer.

ZÉZÉ SUSSUARANA (Jacarehy, São Paulo) — Amigo Zézé, você sempre interessante e cheio de commentarios curiosos. Continue sempre escrevendo e eu o verei com prazer numero 1 em correspondescia, este anno. Os seus commentarios sobre "Mocidade Inconsciente" e "Mysterio do Dominó Preto" já estão com o encarregado da "Pagina". Respostas que você me pede: — 1.° Era uma maneira pedante e pretenciosa de dizer fuzão, simplesmente; 2.° Scesario é a divisão da historia em capitulos Cinematographicos, ou sejam, sequencias. Continuidade é o que alguns chamam enquadração, ou seja, divisão em quadros numerados, com marcação de tamanho nos apanhados e, ainda, outros detalhes já affectos estrictamente á technica. 3.° Foi Adhemar Gonzaga, que tambem escreveu a de "O Preço de um Prazer", Labios Sem Beijos" e "Mulher"... Sim, é o mesmo. 4.° Não accertou. Juanto ás duas ultimas, mais ou menos, mas quanto á primeira, não. 5.° E', sim. Déa Selva tem esse papel. A sua critica de "Coisas Nossas" vae ser encaminhada á "Pagina" e tambem a de "O Campeão de Futeból" e "Um Pouco de mim... tiras", que está gozado. Você comprehendeu bem aquella transcripção... Volte sempre e até logo, Zézé.

ODILAR (São Salvador, Bahia) — Antes de mais nada, grato pelos recortes. Sempre que seja possivel, mande-os. "A's Armas!" foi dirigido por por Octavio Mendes. Joaquim F. Garnier produziu e interpretou um dos papeis. A historia era de Plinio de Castro Ferraz. A defficiencia da photographia justifica-se, em parte, por ter sido feita por dois operadores. A parte que coube a José Carrari, que, aliás, operuo a maioria das sequencias do Film, é a melhor. Diva e Mechita realmente esplendidas criaturas. Flavio Lins, agora, abandonou as lides artisticas: — é, hoje, J. B. Esteves, gerente do "Cinédia Studio". Nilo Fortes é realmente bom. Já figurou, aqui, em "Alvorada de Gloria", tambem e seu trabalho é uma das cousas boas do Film. Garnier, a meu ver, é um dos melhores do Film. Calvus Rey igualmente bom, sim. 1.° Ronaldo Alencar, rua Augusta, 69 S. Paulo; 2.° Escreva-lhe aos cuidados desta redacção; 3.° Não está trabalhando presentemente e é próvavel que não trabalhe mais em Cinema; 4.° Nilo Fortes, aos cuidados do Sr. João Baptista Dellape, rua Senador Furtado, bairro da Gloria, São Paulo. 5.° Deixou o Cinema ou o Cinema o deixou, a mesma cousa. Volte sempre, Odilar.

CAVALHEIRO DE SAINT ROMAIN (São Paulo) — Bravos, meu caro "cavalheiro", vejo que não se esqueceu deste seu humilde servo .. E como passa V. Altesa? Continue sempre romantico, cavalheiro e não se esqueça de terçar armas por alguma princeza. E' "chic" e a caracter... Não, sou "patricio" vosso, Altesa! Peroba é um individuo cacête, Cavalheiro. O termo aliás é dahi mesmo. Clara Bow, presentemente, não tem endereço certo para que o Cavalheiro a attinja com os lances dos seus romanticos periodos. Ann Harding, RKO-Pathé Studios, Culver City, California. O prazer será todo meu e apenas espero que o Cavalheiro dê-me a honra de mergulhar a sua dextera na minha, seguindo-se um amplexo que tambem póde ser nobre. E quando virá? Pois não ha duvida "Chevalier". Quanto ao pergaminho, nada notei e faço de conta que não vi. Mas o fausto antigo ha de lhe sorrir. Cavalheiro e voltará para as margens do seu Rheno... Tieté. Calma e coragem, nobre amigo.

SELVAGEM DO NORTE (Recife, Pernambuco) — Pois se nos encontrarmos, amigo, o prazer será todo meu, desde já. Ella foi para Buenos Aires, onde pretende figurar em Films. 2.° Deixou o Cinema. 3.° Yara D'Azul. Casou-se e deixou o Cinema. 4.° Não. Ella figurou em alguns outros, sim, mas naturalmente aqui não virão, porque são de productores independentes que não mandam seus productos para cá. Volte quando quizer, amigo Selvagem do Norte.

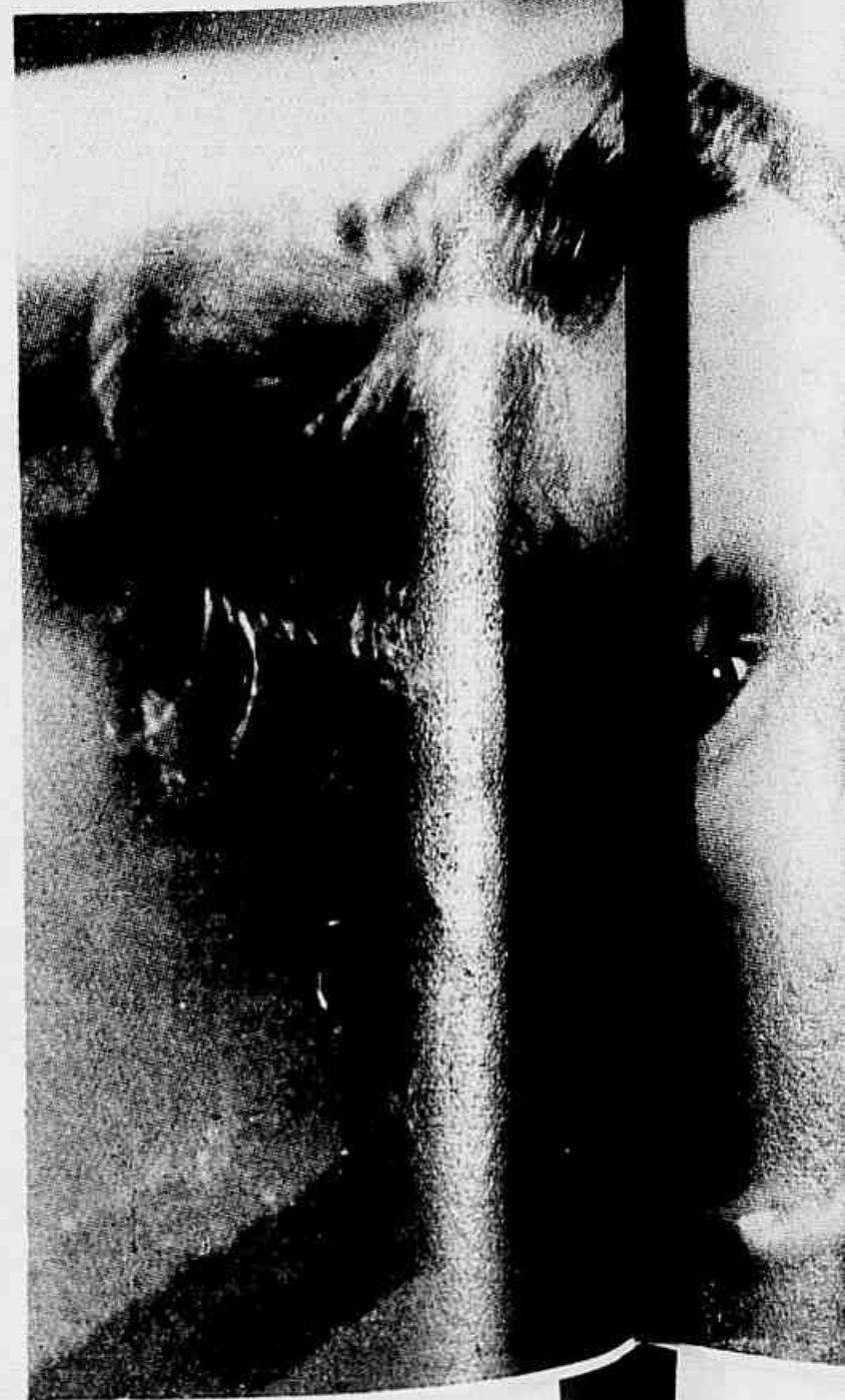
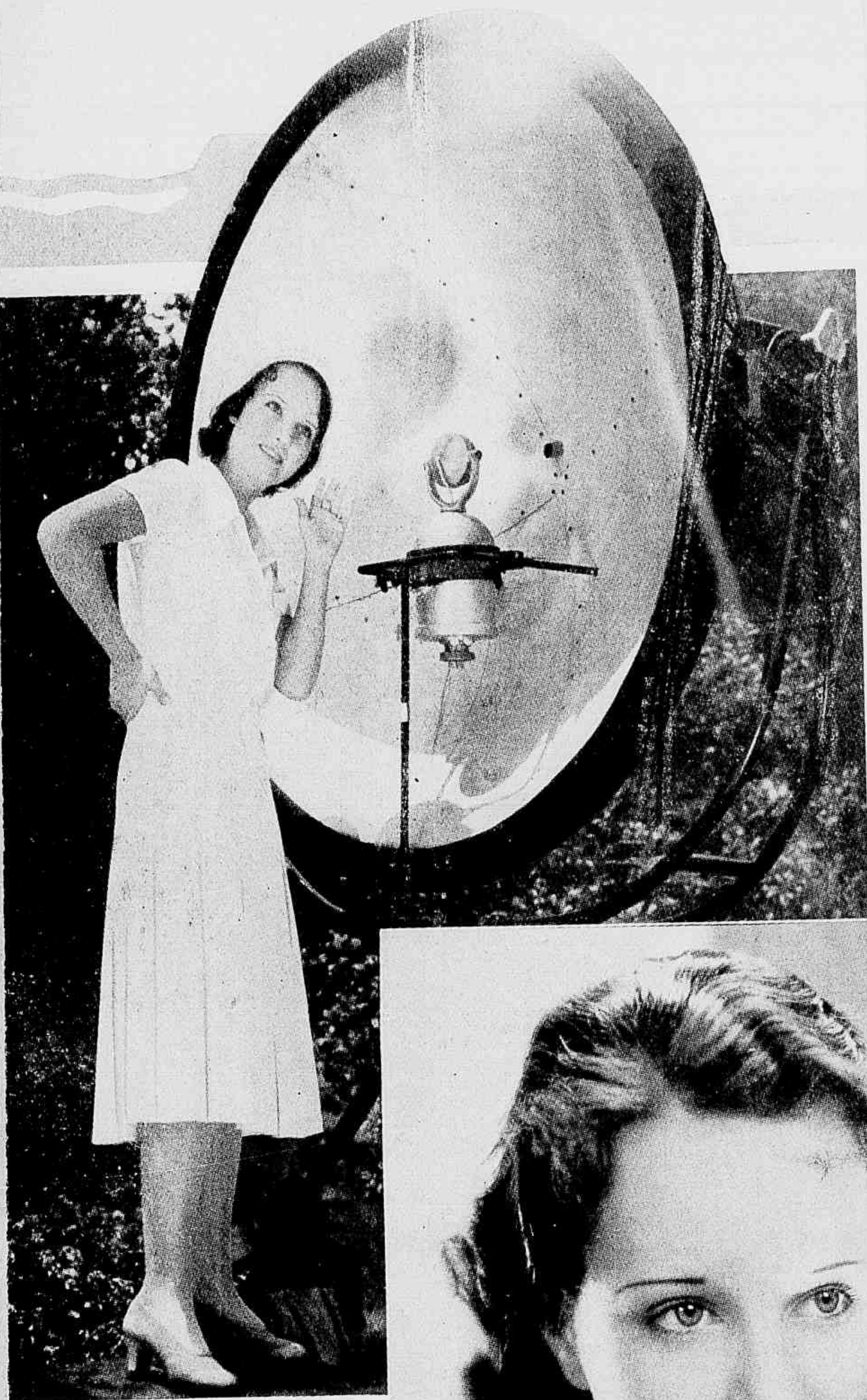
MORENINHA (Rio) — Desculpe-me, Moreninha, mas não tenho ordem para fornecer o endereço que quer.

OPERADOR

Scenas de "Men in her Life" com Lupe Velez e Gilbert Roland

Versão hespanhola

ANITA PAGE (Photo Hurrell)

não ↑

Rochelle

Hudson

Producto de Claremore Oklahoma... Manufacturado em Hollywood...

Sidney Fox
CINEARTE

Elle,
não é
apenas um
artista de
Cinema...

No
studio
de Richard
Cromwell

E elle é absolutamente franco commigo. Estou fazendo apenas o que o senhor sempre me disse que fizesse: — vivo a minha propria vida! Se eu me ferir ou me magôar, serei eu mesma que me apanharei á sargeta! Foi o senhor, ainda, quem me ensinou isso, meu pae.

— Mas jan, esse não é amor! Já vivi muito. Eu sei disso! Vel-o ás vezes, como aconteceu até aqui, é uma cousa. Se você se casasse com elle, em seis mezes...

— Jamais pensei em me casar com elle, menos agora!

Ashe leu determinação nos olhos della. Elle abaixou os olhos. Parecia um homem vencido.

— Jan... Minha filhinha... Temo que seja o nosso fim. Tenho feito muito mal á você, eu comprehendo. Quando penso em você com esse...

— Por favôr, meu pae!

— Perdôa-me, filha. Mas quando penso nisso, tenho a convicção de que chegou realmente o meu fim...

Naquelle momento elle não teve mais phrases. Vieram-lhe lagrimas aos olhos e elle chorou sem remedio. Era um homem profundamente desgraçado que estava diante de Jan...

Ella se commoveu. Tambem comprehendeu o que se passava com o pae. Num relance ella alcançou o que lhe iria succeder se ella não o ajudasse. Poz todo o sentimento da sua carne preso dentro do seu intimo de mulher forte e de attitudes e disse para o pae, firme.

— Proponho-lhe uma tróca, meu pae...

— Tróca?...

— Sim. Passaremos seis mezes ausentes daqui. Eu me curarei de Ace Wilfong. O senhor, da bebida...

— Quer dizer que você jamais verá Ace Wilfong, depois disso?

— Jamais e o senhor jamais beberá. Serve?...

Ashe pensou. Comprehendeu a extensão do que promettia. Resolveu fazer o supremo sacrificio. Elle bem sabia que não sustentaria aquella luta, mas, forte como antigamente o fôra, resolveu tentar. Era a salvacão de sua propria filha, essa.

E num abraço e num juramento filha e pae juraram se livrarem dos vicios que os tinham presos pelo sangue e pela alma...

* * *

Em Albuquerque, onde foram passar os dias que deviam resgatar os vicios de ambos, Ashe comprehendeu, em poucos dias, que não iria supportar até ao fim aquelle martyrio. O que o sustentava na sua palavra, era Jan. Elle sabia o quão determinada ella era e, assim, não se sentia com forças para forçal-a á um mau passo. Se elle voltasse a bebida ella voltaria a Ace Wilfong e era isso que elle estava ali para evitar.

Sustentou-se assim um mez a situação, inalterada. A's vezes, nos momentos de maior agonia, elle offendia a filha e fazia tudo para que ella pensasse em romper o juramento, deixando-lhe a chance de beber. Aquella obsecação se foi tornando doença, nelle, que não se podia mais conter na ancia de tomar um ou dois tragos de **whiskey**. Era uma cousa que o consummia, interiormente e lhe dava uma agonia intensissima.

Jan, por sua vez, soffria uma profunda ancia de voltar para Ace Wilfong. Já tinha ameaçado o pae disso, quando o vira uma vez preparado para voltar a bebida. Intimamente ella tinha certeza que tanta força precisava o pae para livrar-se da bebida, quanto ella para se livrar da fascinação excitante daquelle homem que era unico no mundo, para ella. Mas ella se continha e, com isso, forçava o pae a se conter, tambem.

Uma tarde, no emtanto, o pae ausentára-se para perguntar, ao hoteleiro proximo, onde ficava determinada estação e ella o ficára esperando em companhia de Mac. Passaram-se minutos. Fez uma hora. Jan resolveu procurar o pae. A' entrada do Hotel, encontraram-se. Elle vinha completamente bebado do interior do Hotel. Ella pasma, viu-o sahir naquelle estado. Quando seus olhares se tocaram, Ashe teve um impulso bruto. Atirou-se contra o trem que naquelle momento deixava a estação, adiante do Hotel e gelando o sangue de Jan, pulou sobre o mesmo, já em movimento, desapparecendo com elle na primeira curva. Jan acompanhou tudo aquillo num relance. Comprehendeu que o pae a reconhecêra e, vexado com o seu fracasso, fizéra aquillo para não lhe merecer verbal censura. Era o fim da luta e Stephen Ashe dava-a por perdida... Preferiu entregar-se ao vicio do que se sacrificar pela honra da filha...

* * *

O pae dirigira-se á Cidade. Apenas na Cidade elle encontraria alivio para a sua situação de viciado perdido. Jan, no dia seguinte, tambem se dirigiu para a Cidade. Quando desembarcou, pensou em ir para a casa de Wilfong. Mas o pacto que fizéra com o seu pae ainda persistia na sua moral. Não quiz. Foi para a casa de sua avó.

Mac desembarcou suas malas. Quando as ia fazer entrar em casa, Helen, sua tia, fel-o voltar com toda carga. Jan, num relance comprehendeu mais ou menos a situação.

— Isto é a serio?... Não posso ver minha avó?...

— Mais do que serio. Não a verá mais. Demais a mais, onde esteve todo este tempo?...

Uma Alma Livre...

7.º CAPITULO

— Como sempre, não é da sua conta!

— E como sempre já vae longe, minha sobrinha, terminou tudo. Aqui não entra mais.

— O que? E vóvó...

— Ella está doente, muito mal, mesmo, mas approva. O seu acto, aliás, é que a deixou assim.

— Meu acto.

— Não finja! Toda cidade sabe o que se passa comtigo e Ace Wilfong!

— E vóvó tambem?

— Sem duvida. Seu pae pactúa comtigo. Unam-se e vivam como entenderem!

Jan tentou reagir e dizer á tia algumas verdades que lhe estavam atravessadas na garganta. Mas não teve mais forças para isso. Voltou-se para Mac e entrou novamente no taxi. Mac ouvira. Offereceu seus prestimos. Elle era fiel á familia de Stephen Ashe. Jan agradeceu. Quasi insensivelmente deu ao **chauffeur** o endereço de Ace Wilfong...

* * *

Diante de Ace, Jan soffreu novamente. Elle, violento, ciumento, ferido ainda pelas palavras do pae della, sentia-se desconfiado. Queria-a tanto quanto ella á elle. Mas sabia conter-se. Quando ella falou e lhe contou a palavra que déra ao pae de não mais o ver, Ace moveu-se. Depois comprehendeu que Stephen tinha perdido a partida. Ahi não teve mais contemplação alguma com ella. Era sua amante, afinal de contas e o encanto de ser uma mulher mais intelligente do que elle e principalmente fina, foi-se. Ace Wilfong ahi atirou as cartas na mesa. Telephonou para baixo. Falou a Harrington. Combinou o casamento delle e Jan para o dia seguinte. Quando se voltou para Jan, ella, surpresa encarava-o.

— Mas sabes se eu quero me casar comtigo?

Ace ahi foi franco á temeridade.

— Pouco se me dá o teu querer. A "tapeação" acabou! Agora eu vou mostrar o que sou. Seu pae offendeu-me. Foi cruel nas suas palavras commigo. Elle, um bebado!

— Ace!

— Não adianta... Calma! Ouça o resto. Elle caçoou de mim. Pensou que podia se rir de mim. Mas eu me vou casar com você só para lhe provar que de nada adianta teimar ou insultar Ace Wilfong...

Jan aterrorisou-se. Era mais uma desillusão que a feria. Já se sentia tão só, na vida. A attitude de Ace, agora, ainda mais a espezinhava.

— E emquanto vou telephonar. Jan, deixe as lagrimas e procure suas roupas. Ainda estão onde deixou. Logo eu voltarei aqui!

Mas quando Ace Wilfong voltou, encontrou o quarto vazio. Pelo seu elevador particular, Jan Ashe tinha sahido para a rua e ido embora. Furioso, elle telephonou e combinou para as dez da manhã seguinte o seu casamento com Janet Ashe, custasse o que custasse... Offender Ace Wilfong era esperar pela sua resposta...

Na manhã seguinte, Jan tomava o seu café, no Lamartine, quando appareceu Mac, rapido, correndo afobado.

— Jan, Ace e os homens delle estão ahi.

— Deixa-os entrar...

— Mas...

— Deixa-os!

Jan, tremula embora, quiz enfrentar o homem que a fascinara e hoje a queria pela força. A porta abriu-se. Ace entrou e com um certeiro murro poz Mac por terra. Depois perguntou á ella, fleugmaticamente.

— Está preparada?

Depois de attender a Mac que mal voltava a si do socco que lhe pregara Ace, Jan voltou-se para Wilfong.

— Preparada para o que?

— Nós nos casamos daqui ha pouco. Esqueceu-se?...

Jan enfureceu-se. O seu sangue vibrou todo.

— Seu canalha! Você, Ace, não me amedronta. Estou sendo sincera comsigo, Ace: — você não me amedronta! Sómente hontem a noite é que comprehendi o que foi realmente o meu passo. Você fez mal em arranhar a superficie do espelho. Agora eu conheço o fundo da sua alma...

Ace caminhou para ella. Jan fel-o parar com um olhar profundamente digno.

— Ouça-me! Comprehendi, hontem a noite, que sómente porcos podem viver entre porcos! A minha vida toda será pouca para conseguir eu tirar da minha alma a negra mancha do seu contacto! E' isto que eu penso de você, Ace!!!

Elle se riu, alto.

— Você está falando ao homem que ama, pequena... Mas não se afobe, sabe? Você estará passeando lá em baixo, no seu carro e eu... Bem! O que melhor tenho a fazer, agora, é beijal-a!

E agarrou-a quando á porta sôou uma pancada. Era Dwight. Elle entrou e, polido, disse a Ace.

— Vejo que nos encontramos novamente... Se não fossem as circumstancias imprevistas me forçarem, não teria vindo...

— Mas Mr. Ace já ia sahir daqui, Dwight.

Interrompeu Jan.

— E como não!

Exclamou Ace, sorrindo e dirigindo-se á porta. Chegando-se a Jan, disse-lhe.

— Mas não se illuda muito tempo, pequena... Eu a verei novamente!...

Jan lhe disse, cheia de nojo.

— Deixe-me! Sahia da minha presença!

Dwight poz a mão sobre o hombro de Ace e lhe disse.

— Sahia, meu amigo... Vá sahindo!

— E você tire essa mão dahi, entendeu?

Respondeu Ace, dando-lhe um violento puxão.

— Meu amigo, ha logar para isso, se quizer acertar contas...

— Acertar cousa alguma! Vocês bonequinhos de sociedade são todos uns covardes, uns canalhas!!!

Dwight voltou-se para Jan.

— Se quer, Jan, ponho-o daqui para fóra!

Seus musculos autorizavam-no a dizer isso. Dwight era homem para Ace. Mas Jan deteve-o.

— E você, gury, tem alguma idéa de se casar com elle?...

Perguntou a Jan.

— Não, nenhuma, Ace.

Respondeu ella apressada, bem comprehendendo a intenção daquella phrase.

— Pois eu gostaria que você mudasse de idéa... Jan...

Ace riu-se.

— Mesmo depois de saber que essa creatura foi minha amante, viveu commigo, e nem siquer teve a honra de se casar commigo?... foi ella que me procurou, note-se!!! Além disso, eu tenho forças nos pulmões para contar isso a todo mundo e a todos os jornaes contar o seguinte...

Dwight baqueou com o que ouvia. Jamais esperara aquillo. Jan baixou a cabeça.

— E você, carinha de santa, quando andar outra vez sem ter onde dormir, appareça lá em casa que talvez deixe-a dormir na minha cama uma noite...

Insultou Ace ainda pela ultima vez. Sahiu. Violento, bruto como sempre fôra antes de Jan o irritar...

Dwight mal sahiu do seu torpor. Quando se voltou para Jan, não teve tempo de nada perguntar. Ella, lendo a pergunta nos seus labios, disse, fria e muito pallida.

— Sim, Dwight. O que elle disse é verdade!

Dwight soffreu profundamente mais esse golpe. Depois, contendo-se, cavalheiro fino que era e sempre fôra, apanhou a capa de Jan que estava sobre o movel e quiz envolvel-a nella.

— Para que?

— Vamos ver sua avó.

— Não creio que ella me deseje ver, Dwight...

— Agora quer, Jan!

— Agora...

— Sim, ella está morta.

(Continúa no proximo numero).

Joan... Marsh

É loura, mas não é deste planeta...

Porque John Gilbert?

Numa pequena casa sem conforto, em Culver City, moravam quatro **extras** para economisar. Um delles, mais tarde, tornou-se famoso director. Outro, famoso **astro.** Os dois ultimos desappareceram. Tres delles eram rapazes normaes, cheios de saude e de esperanças. O ultimo delles, que mais tarde, iria tornar-se **astro** de magna grandeza, grandeza que jamais será equiparada no Cinema, era maniaco. Quando os outros o chamavam disso, queriam dizer, apesar de duros naquillo que diziam, que elle tinha, na cabeça, um parafuso solto... E tinham certeza do que diziam. Achavam-no, ainda, tolo, covarde, para a luta, assombrado de tudo e de todos.

Diariamente riam-se delle. A' noite, antes de se recolherem riam-se mais ainda. A's vezes apiedavam-se delle e contavam-lhe cousas que o animassem. Mas como eram pouco distinctos e principalmente grosseiros, usavam, com elle, pilherias pesadas e de mau gosto.

Era John Gilbert esse rapaz do qual todos mofavam. John Gilbert, sim!

Hoje, John Gilbert está lutando para se restabelecer na fama. Os Films que elle tem feito e os que tem ainda a fazer, não são maus. O publico é que ainda não se tem manifestado completamente satisfeito com os mesmos. (Isto, em parte, não é verdade, porque um Film de John Gilbert é bôa bilheteria e tem isso provado. **Destino de um Cavalheiro,** recentemente exhibido, foi successo de bilheteria e não pequeno). Maus artistas, em maus Films, têm ás vezes agradado, ao contrario, considerando o outro lado da questão... Parece que, hoje, o publico não encontra mais aquillo que antigamente achava nelle. O que terá elle perdido?

Para comprehender isso, é preciso **lermos uma das paginas da sua vida, até hoje não permittida aos olhos do publico.** Justamente uma pagina dos tempos em que elle ainda era um **extra.** Aliás, nessa epoca, elle era pouco mais do que menino.

Os tres outros **extras** costumavam sahir, á noite e, quando voltavam, batiam á janella, assustando-o ou assombrando-o. Ficar só, na escuridão da noite, para elle era uma cousa terrivel. Com uma pistola Sears-Roebuck quasi primitiva na mão tremula, elle costumava por o corpo cançado sobre uma cadeira velha, no centro da sala, onde, ficava occulto. Accendia todas as luzes, além do mais e lá ficava, sempre medroso.

Outra cousa que elles faziam, além de baterem na vidraça para o assustar, era esconderem a chave da porta da cozinha, escondendo a chave, a seguir. Depois um delles ia para fóra, desapercebido por John e tocava a campainha. Um outro delles ia á porta e, da mesma voltando, aterrorisado, fingia, depois, lutar para conservar a porta fechada, mostrando muito medo, ao passo que o que estava do lado de fóra, com voz disfarçada, gritava: — "Deixe-me entrar! Quero meter uma bala no coração desse tal Gilbert! Deixe-me entrar! Quero liquidar esse tal Gilbert! Não pode, sem pagar, andar enganando a ingenuidade de minha filha! Deixe-me entrar que o quero matar como a um cão!!!" John, quasi louco de terror, procurava immediatamente a porta dos fundos. Lá, não encontrando a chave, outro soffrimento até que os rapazes rissem e lhe dissessem que se estavam divertindo á custa delle. John comia pouco. Pouco dormia. Soffria intensamente, isso sim.

Estes casos põem, diante do publico, uma phase da personalidade delle que até hoje esteve escondida de todos. E' facil saber o motivo porque. Indo ao Cinema proximo e vendo John como heroe, na téla, sabendo, ao mesmo tempo, que elle tinha medo de sombras, de almas do outro mundo, de gatinos, não levariam a serio o heroe. Rir-se-iam delle, naturalmente, aquelles que o vissem, assim e soubessem destes detalhes. Heroe? Perguntariam. "Se elle é heroe eu sou Wagner!" Poderia dizer qualquer pessoa que soubesse disto. A peor maneira de destruir um heroe é rir-se delle. E você, naturalmente, se soubesse disso quando elle começou a galgar o apogeo, ter-se-ia rido delle, naturalmente.

Você tambem teria rido, leitor **fan** de John Gilbert, a menos que você seja um caso differente, alguem que aprecie um caracter assim. A menos ainda, que você tambem tenha medo dessas cousas e tenha, de John, o mesmissimo atributo. Além disso, o mundo é todo assim. Não temos a sufficiente cultura e a sufficiente educação para não nos rirmos de cousas que não podemos analysar e, o que é mais importante, analysar assim de um rapido instante para outro. Volvamos, antes de mais nada, nossos olhares para o passado e encaremos, de frente, o nosso passado de collegiaes. Não havia, entre seus collegas, algum assim medroso e assim covarde diante de sombras e gritos? Havia, com certeza, porque em todo collegio ha aquelle que todos chamam de "caixa d'oculos" e delle se riem, pagodeando a covardia do proximo. Mas é provavel, tambem, que elle, o mesmo covarde, torne-se, mais tarde, um grande engenheiro, um admiravel medico-cirurgião ou qualquer cousa assim. Quando o encontramos, depois, crescido, formado e perito na sua profissão, vamos rir outra vez desse homem, debochando-o, só porque elle, em menino, era medroso, covarde e acanhado? Se o fizermos, devemos nos envergonhar de nós mesmos!

E' por isso que nós devemos ter pena dos que soffrem disso em meninos. Não é culpa de John Gilbert ter nascido um menino cheio de sensibilidade. Além disso, do berço, acompanhado principalmente o terror da sua propria intima situação. Tudo, no seu passado, é negro e obscuro. Se me permittem mais um pouco no passado de John, mesmo, direi que nada, nelle, é claro e feliz. Tudo é sombrio. Quando elle chegou a Hollywood e, como **extra,** viveu longos mezes de pouco mais do que esperanças, só, apaixonou-se a cada passo. Impetuoso e sensivel, apaixonava-se por uma pequena, aqui, neste **lot** e logo, ali, naquelle outro, mais impetuosamente por outra. Chegou ao cumulo de gastar todas as economias que tinha na compra de um carro velhissimo e quasi cahindo aos pedaços, só para ter conducção para leval-a para casa, depois do trabalho. Esta pequena que elle levava para casa no automovel que lhe custára até fome por alguns dias, não tem seu nome mencionado em chronica alguma. John não quer. Mas ella, diz elle proprio, foi o maior amor da minha vida. Um dia, no emtanto, esta pequena lhe fez uma cousa incrivel. Achou que não podia mais suster a vontade de rir daquelle automovel ridiculo e do seu dono ainda mais ridiculo do que o carro. E riu-se delle. Na cara delle! Riu-se de um homem que ia ser o idolo de milhares de mulheres pelo mundo todo...

Eis o ponto a considerar. John Gilbert passou a mocidade mais entre remoques e despresos, do que entre animações e applausos. Isso é que o amofinava.

Veiu o successo. Todo mundo conhece esta phase da sua vida. Jamais houve, mesmo, na historia do Cinema, um triumpho tão violento e tão applaudido quanto o de John Gilbert. Tornou-se o Imperador das Emoções! Mas o que fez o successo para elle? Fóra do Studio elle procedia, sempre, como um homem maluco. O seu temperamento, como que, pedia vingança. Explodia a todo momento em violentas crises de colera. Tornava-se extremamente violento e quasi hysterico nas suas attitudes. Quando qualquer cousa não andava direito, elle se tornava impossivel. A menos que elle se sentisse feliz, ninguem o podia supportar. Lembram-se da luta que elle teve com Jim Tully por causa de umas cousas que este escriptor escreveu delle, numa revista qualquer. Mas ninguem foi capaz de discernir o que é que não andava direito com elle. Diziam, quasi todos, que elle não andava certo da bola ou, então, que andava fingindo um temperamento que não era positivamente o seu. O que andaria errado com elle? Qualquer psychiatra reconheceria immediatamente os symptomas. Dê a um mendigo um milhão de **dollars** e elle se tornará maluco, com certeza. Foi o que aconteceu neste caso, com toda certeza. John Gilbert pulou, do dia para a noite, da obscuridade para o successo vertiginoso mundial. Elle não foi sufficientemente forte e sufficientemente educado para receber essa situação. Teve dinheiro, fama e poder. Tambem teve a mulher mais cobiçada do mundo: — Greta Garbo! Ella foi vista por todos os can-

tos em sua companhia. Tornou-se elle, realmente, o Imperador das Emoções. Ninguem mais se ria delle. Podia despedir gente, se quizesse. Milhares de **fans** lhe escreviam cartas, Mulheres pediam-no em casamento. Pediam-lhe, em supplica, que lhes escrevesse ao menos uma carta. Precisou contractar uma secretária para attender á sua correspondencia. Do ultimo dos ultimos, elle subia, vertiginosamente para o primeiro dos primeiros... John não aceitava isto como uma casualidade. Elle se orgulhava disso e se envaidecia. Tornou-se despota em todos os cantos que frequentou.

E' possivel condemnal-o?

Sua popularidade dobrou. Era justamente essa pose pretenciosa que o publico começou a amar. Elle começou a parecer o homem ousado, bravo, que tomava tudo e conseguia tudo quanto queria pelo poder da audacia. Os homens começaram a respeital-o por causa disso e as mulheres mais ainda o amaram, pelo mesmo motivo. E ha esse que não sinta profunda admiração por alguem que seja o proprio espirito da ousadia?

John Gilbert dava a impressão de ter confiança magna em si proprio. Era disso que o publico apreciava e por isso subiu elle aos paramos da fama.

O que aconteceu depois disso, tambem todo mundo sabe. Vieram os Films falados. O microphone começou a fazer das suas com a voz de John Gilbert. Elle dizia "eu te amo!" e as multidões de Shangai ao Havre, riam-se. Se elles se revoltassem, se elles não apreciassem... Mas elles se riam! Havia ironia nesse riso! Tudo tornou, num relance, profundamente desgraçada toda a aventura de John Gilbert, dahi para diante. A vida já se tinha rido sufficientemente delle. Era a primeira vez que o successo tolhia a liberdade que lhe havia dado. Tudo elle teria perfeitamente supportado. Tudo. Menos o riso! A gargalhada, o riso, á custa delle, faziam-no sem-

não voltou ao successo...

pre perder a confiança em si proprio. E, dahi para diante, começou elle a perder a confiança em si proprio. Perdeu a pose. Perdeu a ousadia no olhar, nas attitudes, em tudo! Foi o riso, gargalhada que operaram isso... Elle não podia supportar isso!

Tudo, menos a gargalhada!

John, nessa epoca, era um homem casado. E' possivel e mesmo provavel que se sua esposa fosse uma mulher differente e capaz, o tivesse reanimado e lhe tivesse dado a coragem que lhe faltou. Mas nem esse amparo elle teve. Além disso, de todas as cousas que ella poderia ter feito para não o prejudicar, a que fez foi justamente a mais infeliz e a mais desgraçada de todos. Ella se riu delle! Alliou-se aos que já se vinham rindo delle, ha tempos... Foi esse o golpe final na estabilidade delle.

Lembram-se do homem impressionantemente audaz que elle foi em **Pirata Amoroso**? E em **A Carne e o Diabo?**

Mas era o John Gilbert que sabia que você e eu confiavamos nelle. Você e eu, o publico, em summa. Com essa confiança elle era outro homem.

Para que elle volte a ser o que elle era, é preciso apenas uma cousa: — que elle readiquira a confiança em si proprio. Para elle readquirir essa confiança, faz-se mistér que eu, você, o publico, em summa, todos nós, é logico, nos reunamos e lhe transmittamos, carinhosamente, o nosso applauso que é intenso e não conhece limites. E elle merece que a gente faça isso, porque elle é realmente extraordinario, estupendo, um dos melhores artistas que o mundo já conheceu. E nós, que podemos, não iremos fazer isso por John Gilbert, o unico idolo que realmente o merece ser?

* * *

Vocês já viram "Dirigivel?" Se viram, devem recordar-se de Clarence Muse, um preto engraçado que acompanhava os aviadores na expedição... pois Muse, hoje, é um nome conhecido em Hollywood. Tem trabalhado muito e seus ultimos papeis são "Safe in Hell", com Dorothy MacKail e "Prestige", ao lado de Ann Harding. Muse canta no radio, compõe musicas, **blues** lindissimos e é um grande artista do palco.

* * *

Al. Christie já terminou a ultima comedia de que Harry Barris é o protagonista. Chama-se "You Rascal" e nella apparece Audrey Ferris. Al. Christie foi o proprio director.

* * *

George O'Brien, conhecida figura da Fox, foi para Phoenix, no Arizona, logo que terminou "The Gay Bandit." Lá acabou de curar o enorme gallo que fez na cabeça, ao cahir numa scena do mesmo Film. Assim, as festas do Anno Novo vieram encontrar o celebre artista e athleta de cabeça amarrada...

* * *

Wesley Ruggles que adquiriu nova popularidade ao dirigir "Cimarron" e, recentemente, "Are These Our Children?" vae dirigir "The March of a Nation" com Richard Dix e Irene Dunne, o mesmo casal de artistas do primeiro destes Films. Howard Stabrook, que ganhou o premio da Academia, o anno passado pela melhor adptação Cinematographica, se encarregará do scenario.

(Continuação)

— Nem outro que se chama Mondstrum?

— Não.

— Nesse caso você não se importará de ir até ali e dizer áquelles dois individuos que você não é Helga Ohlin, não é?

Terminou elle, bruscamente, antes que ella tivesse tempo para pensar. Viu, pela fresta da tenda, dois homens que conversavam com a autoridade do local. Eram aquelles que ella temia mais, no mundo, do que qualquer outra cousa. Burlingham voltou-a com seus braços e, sensual, lhe disse:

— Está certo, Susie... Direi á elles que aqui não está ninguem com a descripção que elles fazem... Não se mostre hoje á ninguem e conserve-se calada até á noite, momento em que deixamos esta aldeiola.

Ella lhe agradeceu.

— Elles, naturalmente, estão pondo, auxiliados pela autoridade, vigilancia em todos os carros que sahem. Você, á noite, passe-se para o meu e lá, naturalmente, não irão elles procurar uma fugitiva...

E mostrou-se carinhoso com ella, tambem. Agradeceu ella, humilde, grata. Mas aquella noite, mesmo, saberia da razão dessa gentileza... A busca, de facto, não a encontrou no compartimento privado de Burlingham, como estava. Mas quando quiz sahir, a porta estava fechada...

——oOo——

A fé de Helga, em Rodney, justificou-se. Elle a procurou, em Amherst, ansioso de saber detalhes sobre a sua fuga. Quando ella se atirou em seus braços, elle chegou a feril-a com o impeto do seu amplexo, mas a dôr foi até conforto para seu coração saudoso.

— Tenho tido saudades loucas de você e soffri de ansia, esses dias, quando soube do que lhe acontecera. Está bem, realmente, Helga?

Naquelle momento ella sentiu uma vontade immensa de lhe contar toda a verdade. Mas preferiu nada dizer.

— Certamente! Todos têm sido muito bondosos commigo, Rodney!

— Então vae apanhar o que é teu e vamo-nos daqui, querida.

Disse-lhe elle, ansioso por vel-a longe daquelle ambiente e para sempre. Ella estava pondo suas cousas na mala e arrumando-a, quando Burlingham appareceu á entrada.

— Cahe fóra dahi, vamos!

Gritou-lhe elle com brutalidade.

— Vamos á minha tenda que lá ha uma ceiazinha esperando por nós. Anda!

Deu-lhe uma pancadinha familiar ás costas e só depois fingindo ter dado com os olhos em Rodney, perguntou:

— Quem é o seu amiguinho?

Rodney chegou-se a elle.

— O que quer dizer com isso?

Burlingham não lhe deu a minima importancia, mas continuou a fazer recriminações á pequena.

— Anda logo, meu bem. Pensei que já estivesses prompta para sahirmos...

Rodney chegou-se mais ainda.

— O que foi que você disse?

— Aqui você não vae começar nada do que está querendo, sabe?

Burlingham respondeu e voltando-se para ella:

— Ponha-o lá fóra e procure-me em cinco minutos, entende?

Quando Burlingham sahiu, os olhos esbrazeados de Rodney cahiram sôbre os seus. A pergunta gelada, no emtanto, veiu e ella sabia que a precisava responder.

— Que direito tem elle de lhe falar assim? Que direito?

— Rodney! Juro-lhe que não foi minha culpa! Juro-lhe! Ohlin e Mondstrum vieram buscar-me. Queriam que eu me casasse com Mondstrum...

Rodney caminhou para a entrada. Helga foi agarrada nelle.

— E eu jurei que você me amava...

Disse-lhe, rindo ironicamente:

— Mas eu o amo, Rodney.

— Linda e delicada maneira de o mostrar, realmente...

— Se eu tivesse que voltar para os braços daquelle homem eu me mataria, Rodney!

— E foi por isso que você preferiu ficar e acceitar os de outro homem, não é? Elle quasi me chamou de covarde. E tinha razão! Um covarde, sim, um grande covarde fui eu não comprehendendo a especie de mulher que você é. Criatura barata, vulgar! Não tive a paciencia para ficar mais uns dias. Queria voltar para me casar comsigo. Casar-me comsigo!!!

E elle riu, nervoso.

— Devia tel-a pago. Atirado, sobre o movel mais proximo, alguns *dollars*. O seu preço! E' essa a unica linguagem que você entende, sabe?

— Rodney, você não sabe o que está dizendo!

— Cheguei a trazer o annel. Nelle, mandei gravar seu nome e o meu, entrelaçados á palavra "sempre". Você me disse que queria mais um annel de casamento, na vida, do que tudo!!!

Pegou o annel, no bolso e atirou-o sobre a mesa.

— Aqui está elle.

— Mas deixe-me explicar, Rodney. Se você me deixar, juro-lhe, não sei o que será de mim.

— Eu lhe digo o que será de si... Você sahirá dos braços de um homem para o de outro. Será a mesma especie de de rua que são as de todas as ruas de vagabundas da sua especie!

SUSAN

— Vagabunda?

— Sim!!! Isso mesmo!

A ternura fugiu dos olhos della. Fizeram-se duros, côr de aço.

— Está bem. Far me hei uma vagabunda digna do titulo, verá... Sempre odiei os homens até o momento em que o encontrei. Odiei-os, entende? De hoje para diante, no emtanto, até você figura na lista...

——oOo——

E Helga continuou a sua resolução inabalavel. Passou dos braços de um homem para os de outro até tornar-se a amante de Mike Kelly, o commissario.

Naquelle dia, Kelly dava uma recepção e Helga, que se chamava Susan Lenox, ha annos, tantos que ella talvez já nem se lembrasse de que se chamara um dia Helga Ohlin... Ella superintendia, naquella tarde, ás comedorias que estavam á mesa.

— Esplendido!

Disse Mike, approximando-se e cumprimentando o seu bom gosto. Ella respondeu com um carinho ligeiro e indo ao seu quarto, rapida, pediu um numero, em voz baixa. Depois attenderam e ella continuou falando em voz baixa.

— Elle vem, realmente?

— Estará ahi dentro de minutos, creio. Roupas novas e um pouco de dinheiro tornaram-no correcto, hoje. Cahiu na armadilha do caso do contracto que Kelly lhe quer dar...

— Esplendido! E não tem, mesmo, a menor idéa de quem eu seja? Está bem. Agora nada lhe posso dizer a respeito, mas um dia eu o farei. E' um caso particular meu, apenas. E' uma divida antiga que estou resgatando, sabe?

——oOo——

Um pouco mais tarde, dois homens subiam pelo elevador que conduzia ao appartamento encantado de Susan Lenox.

— Pode, Freedman, explicar-me ao menos o que é que eu estou fazendo aqui?

— Quer o contracto, não quer?

— Sim. Mas essa criatura mysteriosa... Que diabo tem ella a ver com esse negocio de contractos?

Freedman sorriu.

— Meu menino... A chave de um grande contracto é Mike Kelly e a chave para Kelly é Susan Lenox.

— Ha um senhor Lenox, tambem?

O outro respondeu com os hombros. Assim que Susan Lenox appareceu, Freedman apresentou-a ao rapaz que o acompanhava.

— Mrs. Lenox, aqui Mr. Spencer!

Ella sorriu bem dentro do rosto do homem que a olhava.

— Que prazer. Mr. Spencer! Bem vê que a gente nunca pode esperar que especie de criatura o Freedman aqui traz...

LENOX

2.º CAPITULO

Rodney ficou só com ella assim que Freedman os deixou.

— Martini?

Perguntou ella. Elle respondeu que não, com a cabeça.

— Então... o que será? Caviar?... Caviar não parece ova de peixe mas é, sabe?

Ella sorria ás referencias que fazia ao passado e á expressão do olhar de Rodney...

——oOo——

Durante o curso do jantar, a conversa versou sobre homens e sobre o amor.

— Acho que a cousa mais divertida nos homens, é que elles confundem constantemente a crueldade com o caracter.

Disse Susan:

— Não perdoam. Não têm...

— Tolerancia!

Affirmou Rodney, concluindo a phrase para ella.

— Obrigada...

Respondeu ella num sorriso significativo.

— Conheci, em tempos, uma pequena que teria ido ao inferno pelo homem que amava. Mas elle não foi tolerante e lhe disse: "Você é uma criatura baixa, vulgar. Volte para o lado das vagabundas ao qual você pertence". E foi isso mesmo que ella fez, obedecendo o...

— E eu conheço outro muito parecido.

Disse Rodney.

— A differença era que, como homem, comprehendi ambos os lados della...

— Realmente? Pois olhe, Mr. Spencer, que apreciaria vel-o defendendo o sexo forte... Continue!

Rodney fez uma pausa.

— Com sinceridade, o homem que eu conheci era intolerante. Apenas, no emtanto, por amar com loucura e devoção essa mulher. Depois é que elle comprehendeu o quanto tinha ferido a si proprio, ferindo-a como feriu...

Susan continuou para elle.

— E, sendo um homem, acho que elle achou que feria demasiadamente o seu caracter voltando para ella, não é?

— Não. Assim que elle esfriou daquelle impeto de sangue e mocidade, voltou...

— Elle voltou?

Perguntou ella, vivamente interessada. A voz de Rodney, continuando, amargurou-se mais.

— Sim, o covarde voltou e, como sempre acontece, verificou, com seus proprios olhos, que a criatura que elle tanto queria, tinha partido em companhia já de outro homem...

Ella o olhou e disse.

— A's vezes as pessoas tornam a se encontrar. Certamente elle a viu de novo.

Os olhos de Rodney rodaram da mesa para a janella, pela qual se viam as luzes da cidade faiscando, lá em baixo.

— Sim, elle a viu, de facto. Estava sentada em cima do mundo... Bem vê que ella não podia perder a occasião de o humilhar, mais uma vez ainda...

Esquecida do olhar que Mike Kelly tinha fixo, nelle, Susan proseguiu como se estivesse ali apenas ella e o antigo amante.

— Você sabe que as mulheres não esquecem muito facilmente, não é? Ellas sentem quando são chamadas de "vagabundas"...

Mike, mal contendo o seu impeto, enpeto, entrou na conversa.

(Continúa no proximo numero)

A proposito do Cinema

Existe Cinema e Cinema. Ha o Cinema que distrahe, e o Cinema que ensina, o espectaculo e o estudo. Dois dominios distinctos.

O primeiro attrahe em principio a attenção do publico. O seu desenvolvimento tem sido bastante rapido, e tem mesmo, digamos com a nossa maxima franqueza, ido além de toda e qualquer previsão. Se emendassemos, ponta com ponta, todos os Films produzidos até hoje, poderiamos fazer, facilmente, a volta do globo. Sommando-se todos os espectadores que se têm distrahido com o Cinema, alcançariamos cifras de centenas de milhões. Calculando-se as quantias que têm sido applicadas para o Cinema, iriamos além dos maiores emprestimos lançados pelas mais importantes nações. Uma tal e prodigiosa consideração escapa a toda e qualquer regulamentação. Ella liga-se á liberdade do commercio, á da industria e á da arte tambem. Se não podemos porém, pensar em submettel-a a regras internacionaes, os methodos de persuasão, apoiados pela opinião publica, porém ter a sua influencia.

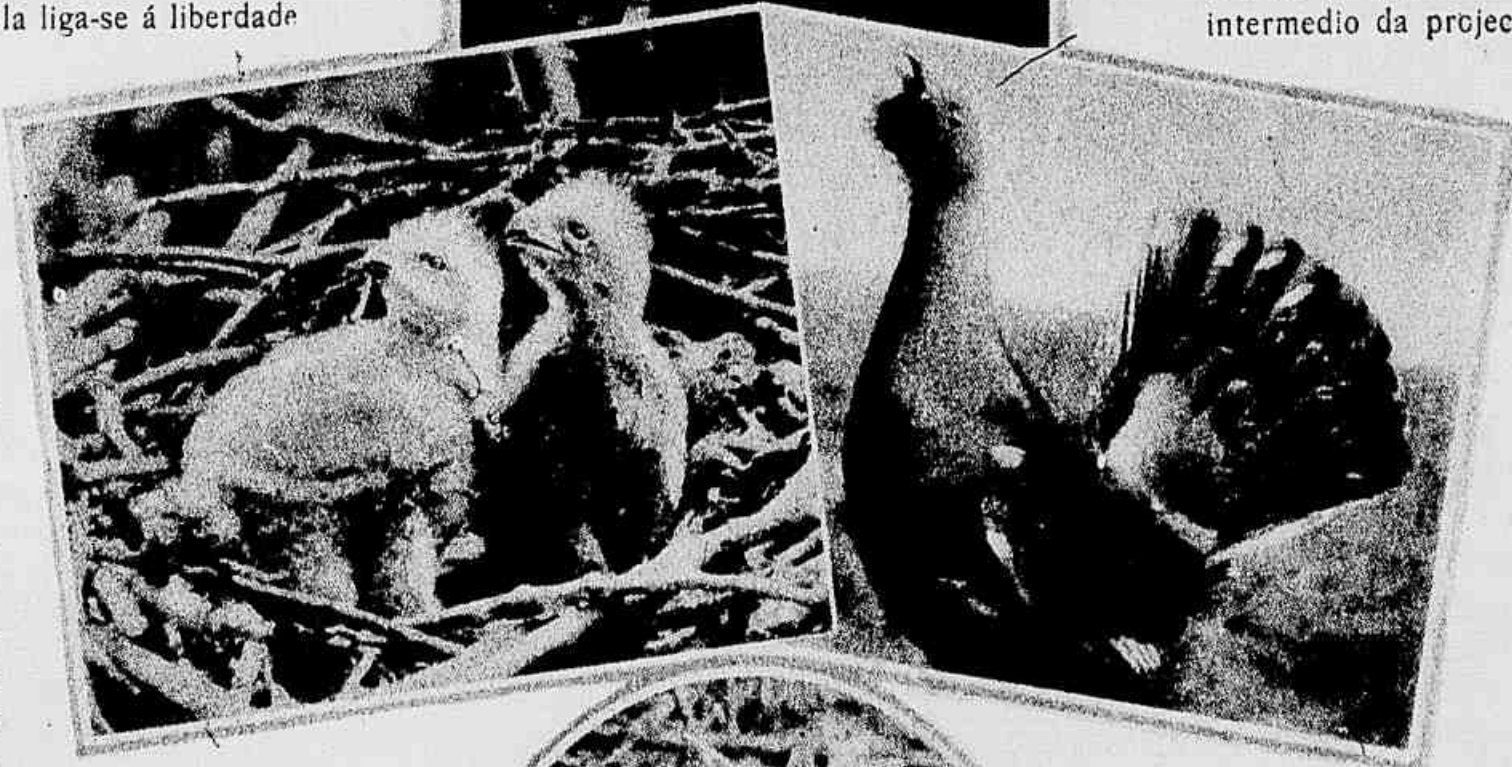
Devemos fazer todos os nossos esforços para que a producção Cinematographica seja lançada em pról da belleza, em pról da verdade, em pról da moralidade.

Em pról da belleza. O Cinema offerece possibilidades novas de novas emoções estheticas. Já varias vezes, para agradar ás grandes multidões, se tem negligenciado este importante ponto. Já varias vezes, ao envez de se procurar effeitos especificamente proprios para o Cinema, nos temos contentado apenas em pôr em scena obras de merito e successo. No emtanto, aqui e ali, onde não havia outra coisa a não ser industria, vê-se apparecer a arte. E' tendencia para o encorajamento. Podem-se prevêr quantas differenças não se farão para o Cinema, taes como já se fizeram para o theatro (operas, dramas, comedias, vaudevilles, féeries, etc), e que, desse modo, haverá algum dia verdadeiros Cinemas de arte.

Em pról da verdade. Principalmente quando se trata de reconstituições historicas. Pelo seu caracter internacional, o Film exclue todas as paixões nacionalistas, toda affirmação duvidosa ou contestavel, toda lesão da verdade. E' preciso olhar ao que nos falta fazer pela comprehensão mutua dos povos, e, em consequencia, pela fraternidade internacional.

Em pról da moralidade. Devido ás influencias profundas que elle póde determinar, o Cinema não póde dar maus conselhos. E não pensamos, aqui, apenas áquillo que se liga, mais frequentemente ao que costumamos denominar as questões sexuaes; em todas as nações civilizadas existem leis que reprimem o ultraje aos costumes. Principal e especialmente a todo e qualquer processo de violencia que seja ou possa constituir deploravel exemplo para os costumes.

Acreditamos no futuro do Cinema. E' um instrumento prodigioso de educação e de instrucção, que póde, de longe, modificar profundamente a mentalidade humana. Quando pensamos em tudo o que o Cinema tem, até hoje, até o presente, cultivado, no tempo e no espaço, como elle tem desenvolvido o horizonte de milhões de mulheres e de homens, até mesmo nas mais humildes e longinquas povoações, principalmente nessas agglomerações de gente pobre e modesta, que, de outro modo, ficariam para sempre afastadas de uma cultura geral, não podemos ser-lhe mais que bastante reconhecido. O que elle tem assim feito, por intermedio do sentido da visão, a radiotelephonia completal-o-ha por intermedio do sentido da audição. Toda a humanidade vae assim gosar de um thesouro commum a todos.

O dominio do Cinema Educativo é porém muito distincto. Aqui, não se trata de distrahir, de alegrar ou de provocar emoções, mas sim e unicamente de ensinar. Não trabalha mais em extensão, ou ao longo de uma extensão, mas sim ao longo de uma profundidade. O Cinema — Espectaculo depende apenas e exclusivamente de si proprio; o Film educativo depende de um estudo todo especial, e o mantem.

Ha muito tempo que se tem reconhecido, em pedagogia, o pequeno e fraco valor da palavra. Para se fazer com que uma creança possa comprehender uma noção nova, pouco seria, pouco significaria enuncial-a e explical-a; se tratamos de uma coisa concreta, antes valeria, infinitamente, mostral-a na sua realidade e na sua imagem. E essa imagem será o meio mais expressivo, principalmente se a imagem fôr movente. Com isto que aqui fica, não queremos dizer que seja preciso renunciarmos ás projecções fixas. A projecção animada é, por vezes, demasiado rapida, e não outra lembrança que não sejam impressões inteiramente superficiaes. Deante de uma novidade, é preciso que o cerebro infantil possa observar, reflectir, pensar bastante nella; e não apenas num dos campos, dentro do qual foi chamado a raciocinar e comprehender. A combinação dos dois systemas, com as suas explicações apropriadas, será bastante efficaz. Importará, no emtanto, e principalmente, não fatigar a attenção, que continuará sendo, sempre, de muito curta duração.

Como Cinema escolar será pois, tanto e bastante util manter uma Cinematheca de bons Films educativos, como manter uma legião de bons preceptores. A maneira de nos servimos de uma projecção é tão necessaria quanto a propria projecção em si. Toda a pedagogia das projecções precisa ser organisada.

Da mais humilde das escolas á Universidade a mais celebre, o Film póde auxiliar os ensinos do preceptor. Elle póde ceder á sua palavra todo o valor demonstrativo e convincente do Cinema, valor que elle não poderia encontrar em ramo algum de qualquer outra industria.

Vê-se, desde logo, a immensidade do dominio a explorar. Esse dominio, porém, alastra-se milhares de vezes, quando pensamos na utilidade do Film proprio para as revelações e para fazer comprehender as technicas de todas as producções, sejam artisticas, industriaes, sobre agricultura, se pensamos nos auxilios que o Film póde trazer aos seus technicos, nos seus laboratorios, por exemplo, fazendo-os descobrir, por intermedio da projecção lenta, movimentações que os seus olhos não poderiam vêr, e a sua imaginação não poderia suspeitar, siquer. Existe pois, dentro do Cinema, o meio mais poderoso de investigação para os multiplos e esplendorosos segredos da natureza.

(Com a devida venia)

Jules Destrée

Antigo Ministro das Letras e das Artes, Ex-Ministro da Camara de Representantes da Belgica.

O Ensino da Avicultura por intermedio do Cinema.

Cinema Educativo

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

Investigações das possibilidades do Cinema Educativo

Foi solicitada a collaboração, na Argentina, do Museu Social.

O Instituto Internacional de Cinematographia Educativa, orgão da Sociedade das Nações, dirigiu-se ao Museu Social Argentino para solicitar por seu intermedio a collaboração argentina de todos os seus technicos, daquelles que, até hoje têm investigado, nos laboratorios, nas fazendas agrarias, nos campos de todo um moderno ensino, as possibilidades que o Cinema offerece para a propaganda agraria, a didactica dos varios systemas agrarios, e o conhecimento, em geral, dos differentes methodos agricolas.

O que o Instituto desejou conhecer, e principalmente os pontos sobre os quaes solicitou ao Museu algumas informações são os seguintes:

Se se utiliza o Cinematographo, e de que fórma, para a propaganda, para os conhecimentos devidos ao publico, e para o ensino dos varios methodos de uma cultura agricola. Quaes são as maiores e diversas possibilidades que o Cinema offerece, deduzidas da experiencia e do conhecimento particular obtidos com os diversos systemas agrarios. A possivel utilização do Cinematographo para a prevenção de accidentes agricolas. A possivel utilização do Cinematographo, entre a população rural, principalmente com o fim de se lutar contra o phenomeno do urbanismo, e tambem no que affecta aos differentes typos do que se costuma chamar em Italia "dopolavori" — organizações de recreio, agrarias — A contribuição e o auxilio que o Cinema offerece para a investigação dos melhores methodos de aperfeiçoamento, e para o incremento da producção agricola. As eventuaes possibilidades, do Cinematographo, no que se refere ao estudo das enfermidades das plantas. Quaes pelliculas se têm eventualmente produzido, na Argentina, e onde, para permittir a compilação de um catalago internacional.

Os dados e informações acima mencionados, têm, logicamente, um simples caracter indicativo. E' necessario reunir as mais simples noticias de quaesquer naturezas, para que se possa completar a documentação que o Instituto está realizando.

O Instituto de Roma iniciou, com a publicação da sua "Revista Internacional do Cinema Educativo", que se edita em cinco idiomas differentes — italiano, hespanhol, francez, inglez e allemão — para ser melhor diffundida em todo o mundo, o diffusão de artigos especializados sobre o Cinema Educativo, assim como dos informes que lhe chegam de todo o mundo.

(Termina no fim do numero).

VESTIDOS LA' DE HOLLYWOOD

Norma Shearer

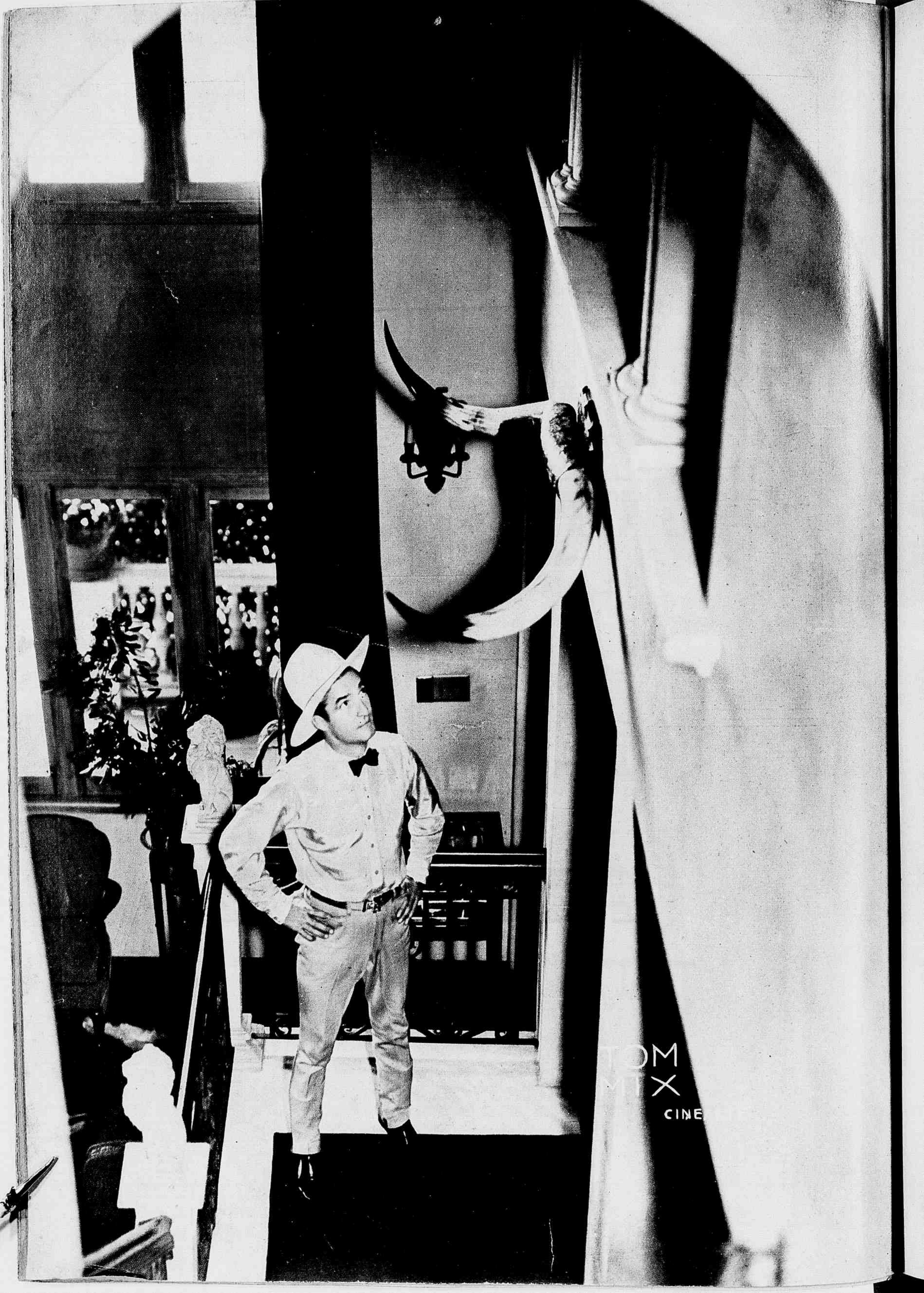
Myrna Loy

Kathryn Crawford

Virginia Bruce

Thelma Todd

TOM
MIX
CINE

Amor Prohibido

Pode o amor ser livre, em Hollywood?

E' logico que não pode. Surgem, a cada passo, paixões chammejantes. O amor que arrazou Paolo e Francesca é ingenuo e creancinha de peito ao lado das paixões que florescem diariamente em Hollywood. Mas tambem não soffre duvida que esses amores, quasi sempre, soffrem o controle director dos magnatas do Film, ainda, que nem sempre esse controle é favoravel, diga-se tambem...

Ha um anno e pouco, mais ou menos, na Warner lançaram-se olhares desconfiados para o namoro e noticias de casamento entre Loretta Young e Grant Withers. Sempre eram vistos juntos e tudo concorria para tornar positivo o boato. Os dirigentes do Studio não gostaram disso. Estavam apresentando Loretta ao publico como uma pequena cheia de encantos, sem malicia alguma, puramente angelical. Ella devia ser o symbolo de perenes dezeseis annos nos Studios de Burbank. Mas Loretta e Grant encontraram-se numa festa. O amor que sentiram, um pelo outro, foi tão eloquente e tão forte que não mais o conseguiram deter.

Grant é, realmente, um bom rapaz. Depois de varios annos em papeis secundarios, foi posto sob contracto com a Warner. Começou a caminhar bem pela estrada do successo e da victoria. Mas quando elle e Loretta começaram a falar em casamento, a cousa mudou immediatamente de figura. Em primeiro logar, declararam que era impossivel, porque Grant Withers já era casado. E, o que mais importava, era pae de um garoto de dez annos. E que tambem tinha sido um dos melhores peores maridos do mundo. Isto importaria para Loretta? Não. Ambos receberam, então, ultimatums. Loretta foi chamada ás falas.

— Você arruinará sua carreira apenas nascente. Pense, menina, no que isso irá significar!

Mas vocês o que é o amor, não sabem? Loretta e Grant, contra opiniões e conselhos paternos e do Studio, casaram-se.

Hoje estão separados. Mas Loretta não mais pode ser apresentada aos **fans** como pequena sem malicia. Hoje ella é uma divorciada. Grant não está mais galgando successo algum. Está em situação bem precaria, mesmo. Loretta poderia ter sido transformada em **estrella**, mas ella preferiu o amor... E eis o que lhe aconteceu por não comprenhender que o amor é prohibido em Hollywood...

A maior controversia amorosa, no emtanto, foi a de Janet Gaynor e Charles Farrell. O trabalho de cada um delles, em **Setimo Céo**, uniu-os como "amantes perfeitos", para todo sempre, diante dos **fans**. O pessoal da publicidade ajudou o negocio de dal-os como intimamente apaixonados um peio outro, tambem. Não sei se lhes possa dizer o que seja o amor, realmente, mas o facto é que um collega póde amar a sua collega sem que este affecto toque ás raias da paixão que Cleopatra nutriu por Marco Antonio. Era essa maneira a discreta pela qual Janet gostava do seu companheiro de trabalho. "Meu Chico" costumava ella chamal-o. Mas durante a confecção de **Setimo Céo**, mesmo, já os dois estavam fascinado por creaturas completamente differentes. Ella por alguem que não era elle e elle, por sua vez, já apaixonado por Virginia Valli, que naquella epoca trabalhava tambem na Fox. Entre elles nada mais havia do que amisade, portanto.

Mas com Greta Garbo elles não brincam...

Apesar delles se terem casado ella com Lydell Peck e elle com Virginia Valli, o publico ainda acna que "houve qualquer cousa" com o caso amoroso Janet Gaynor — Charles Farrell...

Dixie Lee surprehendeu Hollywood quando annunciou que se ia casar com Bing Crosby. Naquella epoca elle cantava no Cocoanut Grove e movimentava, para ouvil-o, multidões. Logo depois de se terem conhecido, amaram-se.

A Fox estava procurando todo o meio de erguel-a. Quando lá chegou o rumor da noticia do amor della por Bing, censuraram-na. Tiveram o appoio da opinião paterna e materna, de Dixie e, assim, fizeram pressão contra. Achavam, para conseguir tiral-a do seu proposito, que ella trabalhando durante o dia e elle durante a noite, não se podiam casar, porque quando ella chegasse em casa, naturalmente elle estaria a sahir e que ella, assim, não se sujeitaria por muito tempo a um casamento desses, verdadeira inexperiencia de moça sem juizo...

Uma manhã, no emtanto, Sue Carol, a melhor amiga de Dixie, recebeu sua telephonada...

— Bing e eu casamo-nos hoje á tarde. Quero você e Nick ao nosso lado. Não faltem!

A' tarde realizou-se o casamento, que foi o mais simples possivel e, ahi para diante, Dixie viu, claro, que de facto tinha trocado sua carreira pelo seu amor, porque a Fox incontinenti, pol-a a cahir em papeis de nenhuma importancia e, para a rua, pouco tempo durou a espera.

Aliás, cousa interessante, com a propria Fox e com o casal Sue Carol — Nick Stuart, deu-se o mesmo caso. Ambos iam exellentemente nas carreiras que faziam naquelle Studio. Quando lá se descobriu o casamento secreto delles, nada mais foi preciso para que alcançassem o portão e recebessem o "bilhete azul"...

A carreira de Alice White começou a soffrer declinio desde o momento em que ella conhececeu Sy Bartlett. Assim que elle chegou a Los Angeles, vindo de Chicago, encontrou-se por acaso com ella e, dahi para diante, amaram-se profundamente.

A cousa tomou um rumo differente do que ella mesma esperava. O pessoal do Studio começou a não gostar de todas aquellas interferencias e quando, certa vez, gente da publicidade foi della saber o que pensava de certas cousas, para um artigo de publicidade, ella respondeu que perguntassem a Sy, o unico que sabia tudo a respeito della... Aquillo foi o **record**. Não supportaram mais aquella interferencia e, dahi para diante, ella foi cahindo, cahindo, até perder o contracto e ficar desempregada.

Correu, no Studio, que Maureen O'Sullivan andava apaixonada por John Farrow. Ambos trabalhavam na Fox. Neste caso, a Fox, uma das maiores victimas dos apaixonados, sahiu-se com energia. Intimaram John Farrow.

— Ou você deixa Maurren em paz, ou está despedido!

E' logico que John Farrow pensou e resolveu preferir a carreira...

Quem nos diz, ainda, que não foi a Paramount a principal responsavel pela ruptura do romance amoroso Gary Cooper — Lupe Velez?... Amavam-se em demasia. De repente Gary começou a escacear. Porque? Naturalmente e quasi certeza, uma conversazinha a sós com o principal responsavel pelo Studio o puzeram em ponto de preferir seguir o conselho dos seus superiores...

Não bolem com Douglas Fairbanks Jr. e Joan Cawford, porque estes são **astro** e **estrella** de posição feita, cada um e, portanto, não dependem mais da opinião deste ou daquelle figurão do Studio. Para estes, o amor é absolutamente livre e a vontade. Ramon Novarro, se fosse assim, poderia ter feito aquillo que lhe tivesse apetecido. Não importaria! O mesmo em relação a Greta Garbo ou Clark Gable, mas se é do lado fraco que pende a questão...

Para este lado o amor é absolutamente prohibido...

Blanca de Castejon.

FOI LEVADA DA HESPANHA PARA HOLLYWOOD, PARA ALGUNS "HABLADOS" DA UNIVERSAL...

A primeira de "Delicious" em Hollywood

(De Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood)

O "speaker" com voz fanhosa gritou pelo alto falante que, dentro de cinco minutos seria "Meia noite", em New York... Aqui, em Hollywood, pouco faltava para as nove da noite. Olhei o fogo crepitar na lareira, dando a mim habituado ao calor do Rio, nessa data, festejada em todo o mundo civilizado, uma sensação nova e um ambiente novo... Os ponteiros estiram seus braços de aço pelo mostrador do relogio... Sinos que tocam, cornetas sopradas com força por pulmões, alimentados por alcool falsificado... Sirenes a apitar. New York festejava a entrada do Anno Novo!

Outra estação do radio nos leva a Chicago. Na cidade dos "gangsters", dos politicos espertos, do porco e do presunto — tambem o Novo Anno era recebido com alegria... Ouço, desta vez, tiros e mais tiros... De facto, não havia a menor duvida, Al. Capone e seus companheiros tambem davam vivas a 1932!

Bebi mais um trago de um moscatel authentico (isto agora é segredo, caros leitores, aqui na America ha uma lei que prohibe a venda de bebidas alcoolicas...) e olhei de novo o fôgo. Um fim de anno, com neve nas montanhas, fôgo na lareira e um capote que mais parece um *edredon*, pesado, capaz de gerar uma centenas de calorias...

E, tudo isto serviu de apresentação a esta minha chronica sobre a estréa de *Delicious*, que a Fox Film destinou a Hollywood como presente de festas — a capital desse mundo de estrellas, de astros e nomes famosos! Emquanto esperava a hora do espectaculo, estava eu em casa de amigos — um grupo de brasileiros. Roulien, entre elles, *apparentava* naturalidade. Li, entretanto, em seu rosto, vi nos muitos charutos que fumou, emquanto as horas, uma a uma, perfaziam a conta eterna do tempo, notei nos seus menores gestos que elle estava *nervoso* — é que, dentro de poucos minutos, Hollywood, sempre severa, sempre aspera nas suas criticas, iria apreciar o seu primeiro Film.

Roulien, acostumado a encarar a critica, affeito a mil estréas differentes, "apparenta" serenidade. Fala dos seus tempos do Brasil, conta anecdotas da infancia — phenomeno muito natural a quem vae arriscar a vida... Sim, porque uma estréa em Hollywood, num Film, ao lado de duas personalidades de fama como Janet e Charles Farrell, num papel que é o segundo em importancia, depois dos protagonistas, e tentar muito...

Eu sentia-me tambem nervoso. E eu já estou acostumado a esperar estréas de Films; quantas vezes, ahi no Rio, metti-me entre a platéa, na primeira sessão de quantos Films brasileiros! Sei o que é trabalhar, preparar um Film, sentir nelle scena por scena, adivinhar o effeito, tomar o pulso ao publico e, depois, no momento da estréa misturar-se á platea e ouvir os commentarios... E' tão difficil agradar a todos e — quantas vezes, uma palavra de um espectador mais exigente, — desses para que nada é perfeito e onde tudo encontram mil defeitos — desanima, abate as energias, infunde tristeza!

Creio que, no movimento de levar o copo á bocca, e puxar uma fumaça do cigarro, tanto eu quanto Roulien procuravamos disfarçar o nosso "nervoso".

Agora, descemos o Hollywood Boulevard. Estamos deante do *Egypcian Theatre*, o irmão gemeo do luxuoso *Chinese*, as duas casas que, com o Pantages, formam o triumvirato dos theatros da elite de Hollywood. A's luzes offuscam os nossos olhos e uma fila interminavel de publico se estende pelo pateo, todo decorado estylo faustoso dos Pharaós da lenda e escavações historicas.

O immenso salão, onde facilmente, collocariamos duas vezes a lotação do Palacio Theatro, está repleto. Platéa, balcões e — muita

O encarregado da correspondencia dos Studios da Fox, esvasia um sacco de cartas para Roulien, dentro do seu "Austin"...

gente em pé. Começa o primeiro letreiro, acompanhado da musica de Gershwin — o maravilhoso compositor, que já deu ao mundo essa obra de arte genial que é a *Rhapsody In Blue*... Surgem os nomes dos interpretes — Janet, Charles, Roulien, El Brendel... O silencio é impressionante na platéa — esse silencio que aterra e costuma anteceder os grandes acontecimentos. Milhares de olhos estão voltados para a tela, onde as primeiras scenas já se desenrolam. Fico ansioso, espero a todo momento ver surgir o rosto conhecido de Roulien e — eis que elle apparece no seu primeiro *long-shot* e depois no seu primeiro *close-up*, com Janet Gaynor e estas palavras sahem dos seus labios: "Você têm pés tão pequeninos..."

Seguem-se scenas e, finalmente, chegamos ao momento do piano. A canção que dá titulo ao Film — "Delicious"... E Roulien canta — "You are so Delicious... and so capricious... I grow ambitions..." A letra da musica resôa pela sala... as notas harmoniosas da canção tão cheia de ternura e encanto enebriam... Nesse ponto, respirei com força. Estava confiante no successo do nosso patricio. O que até ali vira, o que até aquelle momento passara deante dos meus olhos era "gemma de primeira agua". Elle, de modo algum, desmentira a confiança de Butler, o director do Film, nem da Fox, que lhe deu a grande *chance*...

....As pausas, as intenções, a maneira por que elle se desembaraça do seu papel — papel que não é o seu genero, o de um russo sentimental, terno, apaixonado, um amante infeliz — causam effeito na sensibilidade do publico. Ouço ao meu lado, uma garota perguntar á companheira "Quem é esse artista?"

E ao terminar o espectaculo, ao escurecer a ultima scena desse trabalho que é um sonho, essa phrase se repete de bocca em bocca! Gritam os nomes dos artistas... Janet está ausente, viajando pela Europa. Charles Farrell agradece e se ouve, em meio a confusão, "*Roulien... Sacha*", "*splendid voice*", *nice young man!* Roulien é abraçado e tem os olhos rasos dagua. Emoção sincera, verdadeira que a minha *bisbilhotice* não deixa escapar.

Entre aquella multidão, entre aquelles mil commentarios, sinto a alegria de tambem ser brasileiro e estar presenciando o exito de um patricio nosso. Que vontade tremenda de poder trazer o nosso publico para aquelle ambiente e fazel-o testemunha tambem do successo que o primeiro brasileiro alcançava em Hollywood!

Dou-lhe um abraço por vocês todos, caros leitores — a que Roulien responde em silencio.

E esta victoria elle conquistou sózinho — animado, apenas pelas palavras de encorajamento que amigos seus ahi no Rio lhe deram, entre elles, Gonzaga, — se bem que, agora, que elle acaba de alcançar successo — comecem a apparecer suppostos *padrinhos e patrocinadores da sua vinda e do seu exito em Hollywood*...

Roulien telegrapha, a seguir, á sua familia e á imprensa sul ameircana, a essa imprensa que sempre soube premiar o seu esforço e o seu talento.

Deliciuos havia estreado em New York e no Canadá, na noite de Natal e, desde essa data Roulien, todos os dias, recebe centenas de cartas. Missivas de meninas, de creanças, de mulheres, de rapazes, de admiradores de todas as partes dos Estados Unidos, do Canadá, e — acreditem-me até uma carta da Mandchuria de uma pequena russa que, julgando ser elle um russo pelo papel que interpreta no Film — lhe pedia noticias de um director russo, residente em Hollywood! *O Photoplay*, magazine de Cinema que se publica aqui, no seu numero de Março, publica o seu retrato, dizendo, numa estatistica, que elle occupou no mez anterior, o segundo logar em perguntas de *fans*. Elle em segundo e, em primeiro, Frederic March... o que prova o interesse indiscutivel, o successo, o agrado que o seu tarbalho causou aos *fans* americanos e canadenses. Por curiosidade, passo a transcrever abaixo — topicos de algumas cartas: Esta é de Washington — diz: "Vi *Delicious* e concordo com todos os criticos — você roubou o Film..." De New York — "Você tem uma linda voz com tanta qualidade como a de Lawrence Tibbett... mesmo sem dizer uma palavra você pode representar... "De uma brasileira de New York — confeso que fiquei surprehendida! Nunca esperei ver um patricio meu num papel tão importante e representando de tal maneira a ultrapassar dois tão famosos artistas..." De New Jersey — "vi-o em *Delicious* e espero que não deixe mais de representar..."

De Virginia — "Vi *Delicious*, você é "wonderful"... todos estão falando em Sascha..." Toronto, no Canadá: "Vi o seu papel em *Delicious* e gostei immenso, principalmente quando você cantou..." San José, California: "Você de facto é esplendido..." New York — "Nunca pensei que ninguem pudesse trabalhar tão bem ao lado de Janet — tão bem como Charles Farrell...

(Continúa no proximo numero)

BEBA MAIS LEITE.

LEITE TORNA DESNECESSARIO MEDICO E DENTISTA

"O Tico-Tico" vae publicar, de 16 do corrente mez em deante, o mais sensacional de todos os romances de aventuras e viagens —

PEDRO, O PEQUENO CORSARIO.

Esse romance é a narrativa de empolgantes episodios verificados na memoravel guerra de 1758, entre a França e a Inglaterra, com um valoroso grumete francez. A audacia, o denodo, o ardil, a gloria, reunidos no mais extraordinario romance de aventuras.

PEDRO, O PEQUENO CORSARIO

illustrado por Cicero Valladares. Leiam "O Tico-TICO" de 16 deste mez em diante.

Cinema Educativo

(FIM)

Além disso, no corrente anno, publicar-se-á um numero especial, dedicado unicamente aos problemas da Cinematographia applicada á Agricultura.

O Museu Social Argentino solicitou a collaboração de todas as pessoas competentes ou interessadas no assumpto, afim de fazer chegar o maior numero possivel de informes possiveis ao Instituto Internacional do Cinema Educativo, com séde em Roma, cuja finalidade é poder offerecer ao mundo dos technicos e ao dos sabios, e mesmo ao publico profano toda e qualquer solução para os problemas do Cinema Educativo, isto é, a solução pratica para as suas finalidades moraes, sociaes, para os seus aspectos technicos, legislativos, psychologicos, e outros que d'esses decorrem.

A commissão britannica encarregada de estudar as taxas aduaneiras sobre os Films educativos define como segue esses mesmos Films.

a) Os Films destinados a fazer conhecer a Sociedade das Nações e as outras organizações de Estado.

b) Os Films feitos com o fim de desenvolver o ensino de toda e qualquer fórma.

c) Os Films para a formação e a orientação profissionaes, assim como os Films para a organização scientifica do Trabalho.

d) Os Films de investigação scientifica ou technica.

e) Os Films de hygiene, de educação physica, de prevenção ou assistencia escolar.

Nancy
Drexel

CINEMA BRASILEIRO

(Continuação do numero passado)

numa obra nacional de extraordinario vulto. Sobre o que presentemente se argumenta sobre C. Br., podemos citar alguns trechos de noticiarios de ha alguns annos, reveladores de uma orientação segura e esclarecida sobre os problemas relativos ao nosso Cinema, por parte de elementos que de longa data propugnam pela sua realização.

Em 1928, A revista "Cinearte", que desde a sua fundação tem por campanha principal o C. Br., commentou, em magnifico artigo, com surprehendente visão a visita do Dr. Antonio Carlos, presidente de Minas naquella época, — á "Phebo Brasil Filme" de Cataguazes — Chamava a attenção para o facto de que o proprio americano reconhece que o "Cinema na America do Norte, gosa de tão alto respeito como a industria do ferro do carvão ou do automovel".

Mais adiante falando do Cinema Brasileiro:

"Teremos uma grande producção mais breve do que se pensa. A Convenção pela qual muito nos batemos, não deixa de ser realizada em parte" (Essa Convenção é aquella pela qual "Cinearte" vem de ha varios annos se batendo, constituida pelos verdadeiros elementos brasileiros.

"Assim, nada será mais justo se o governo vier a completar esse grande trabalho voltando as vistas para este **apparelho maravilhoso que em nenhum outro paiz é mais necessario como no Brasil.**

Na mesma revista em 1926, no seu artigo de fundo:

"Governo novo, novas esperanças. Póde ser que o Dr. W. Luis, presidente que se empossa dentro de 5 dias, venha a resolver o problema da nacionalização do film, por que se vem batendo **desde annos** o autor destas linhas".

O grypho é nosso.

E mais adeante:

"Basta reflectir um momento no prestigio immenso, que em poucos annos adquiriram os Estados Unidos em todo o universo, graças aos seus films".

Folheando-se a collecção de "Cinearte" encontra-se em qualquer numero uma infinidade de considerações sobre o valor do cinema para o Brasil.

E sempre salientou a necessidade de crearmos o nosso cinema.

Não só em "Cinearte" mas em toda a imprensa brasileira sempre se commentou com abundancia de argumentos, criteriosos e convincentes, a realização futura do C. Br.

Sentimos prazer em declarar que é motivo de immenso jubilo para nós, o vermos o C. Br. encarado com tanta seriedade nos dias que correm, e isto porque são frutos que nós, modestos plantadores, já vemos colher em um terreno eão safaro até ha bem pouco tempo.

Longe de nos arrogarmos tão grande trabalho, pelo contrario queremos frisar que continuaremos a ser soldados na luta nova que se principia, qual seja aquella que demanda o concurso de todos para a realização de uma mesma obra — O Cinema Brasileiro.

Muito obrigado.

Boa noite.

Lagrimas de Grace Cunard

(Continuação)

ne ahi e para continuar com o seguinte episodio, mostrando o Leão querendo me atacar. O que o vae separar de mim é muito pouco e eu ficarei quasi exposta á sua ferocidade.

Procurei confortal-a.

— Você sahirá sã e salva como sempre, Kathlyn! Elle não a atacará e nem lhe fará mal algum, creia.

— Mas é justamente ahi o perigo. Elle é novo e não está ao par daquillo que os leões velhos já sabem com pericia. Ainda que não seja intenção delle ferir-me, póde o acaso ser contra mim.

Ao lado do meu leito, conversando e escrevendo, ella compoz as scenas para o dia seguinte. Emquanto, no dia seguinte, eu tinha minha costella posta em gesso, ella fazia a referida scena. E nem duvidará que ella realmente precisasse representar não ter medo algum daquelle leão que ella temia tanto...

Emerson Hough, que escreveu a historia de **Os Bandeirantes**, escreveu, tambem, o argumento de um dos meus Films em series. Ou antes, começou a escrevel-o. Depois de dezesete episodios elle cançou. Meus fans, no emtanto, escreviam e pediam mais. Eu mesma escrevi, então, sete episodios mais, á noite, depois de trabalhar o dia todo, Filmando. Depois que a serie foi concluida e apresentada, Mr. Hough que tinha escripto o principio principal, veio á Universal City, vindo de New York. Foi ao meu camarim.

— Viajei tres mil milhas, Miss Cunard, apenas para ter o prazer de vel-a. Queria ver pessoalmente a pessoa que seria capaz de pôr um submarino no deserto do Sahara, fazendo-o sahir em pleno mar...

Não foi bem isso que eu escrevi, mas dei ao submarino do Film aventuras realmente cheias de peripecias. Foi um submarino tão vencedor e cheio de successos, que Mr. Laemmle começou a me pagar, então, trezentos "dollars" por semana.

(Continúa no proximo numero)

A orphã que ameaça Greta Garbo...

(FIM)

Os dois irlandezes, marido e mulher, empregaram-se. Mostraram, depois, a Mr. Capra, uma amostra do que ella poderia fazer num papel de emoção.

Capra, um homem realmente intelligente, sem favor algum, observou tudo com attenção. Fay disse-lhe:

— Escuta, Frank! Não ha ninguem, no mundo, que represente melhor esse papel do que minha mulher!

Capra conveneeu-se. Mr. Cohn tambem. Ella teve o papel. Foi em **A Flôr dos Meus Sonhos...** Até hoje é o Film favorito da sua carreira toda.

Seu nome tornou-se evidente até fóra de Hollywood. Foi ahi que lhe deram o principal papel em **Mulher sem Algemas.** Depois disto, então, ninguem mais duvidou que ella fosse uma artista incomparavel.

✣ ✣ ✣

Existem alguns homens argutos e intelligentes, no Cinema. Entre elles, Adalphe Menjou, que acaba de ter um papel ao seu lado. Elle é um dos que acham que a pequena de Brooklyn ainda será a maior de todas as artistas de Cinema.

A minha opinião é que, se lhe derem bons papeis, ella se poderá equiparar a Greta Garbo. Igualar-se-á a ella, e depois a ultrapassará, naquelles que requeiram seducção e malicia.

Como todas grandes artistas, Barbara Stanwyck tem uma technica inconsciente. Apenas uma pequena, na America, já teve a sua opportunidade: — Clara Bow. Films fracos e escandalos a arruinaram. Ella tambem era de Brooklyn e teve um passado aventuroso e soffredor como Barbara Stanwyck. Tendo tido a pouca sorte de ter sido chamada "pequena do **it**" pela insossa **madame** Elinor Glyn, jámais se conseguiu livrar desse apodo incommodo. Como Barbara ella nasceu simples e honesta. Uma pequena primitiva mas sincera.

O que lhe faltou, no emtanto, foi a intelligencia que tem Barbara Stanwyck. Nisto Barbara é-lhe infinitamente superior.

Barbara, como Greta Garbo e Clara Bow, sahiu, falando claramente, quasi da lama da vida. Isto ellas têm em commum com as maiores entre as grandes artistas mundiaes: — Sarah Bernhardt, Nell Gwynn e Rachel Meller.

Uma cousa que Barbara ambiciona é ter o papel de "Mother Goddam", em **The Shangai Gesture** e, tambem, figurar como protagonista em **L'Aiglon.** Uma das cousas que ella tambem sonha viver é o papel de **Madame Bovary,** da celebre historia de Flaubert.

Ella gotaria de ter dois filhos. Já têm nomes, aliás... Kathleen e Michael. Ainda não existem, mas o nome já têm.

A sua questão legal com a Columbia causou-lhe, recentemente, muito commentario de Hollywood. Um juiz da California achou e decretou que ella termine o contracto.

A sua controversia com a companhia productora, no emtanto, é tão velha quanto o proprio Cinema. Nasceu da justiça della achar que gente de menos valor do que ella está ganhando mais do que ella.

— Foi minha culpa.

Diz Barbara.

— Sou irlandeza...

— E o que diz seu marido?

— Nada. Mas tem-me auxiliado no que lhe tem sido possivel.

Na discussão com Harry Cohn, sendo este quasi humano disse:

— Dei-lhe uma opportunidade. Paguei-lhe o seu salario quando era seu marido que se offerecia para o fazer.

Barbara voltou-se para elle e disse-lhe:

— E' mentira. Elle não o faria!

A' noite, em casa, com toda calma Frank Fay contou-lhe que realmente tinha feito isso e ella, raciocinando, ainda mais ficou estimando seu marido.

Depois de Cohn ganhar a causa, telephonou-lhe. Disse-lhe que as dissenções deviam ser esquecidas. Ella lhe respondeu, sempre franca:

— Está bem, Harry! Você ganhou. Mas continue indo para o Inferno, ouviu?...

Logo depois chegava Frank Fay ao escriptorio de Harry e pedia desculpas em nome della, que minutos depois se tinha arrependido do impeto.

A creatura mais sensual e maliciosa do Cinema, Barbara, é tão acanhada que não ensaia, absolutamente, na presença de quem quer que seja, extranho.

— E quando era de theatro, não temia as platéas?

— Não. E nem sei como. Cousas da vida... A vida tem mysterios, não acha?

Concordei. Um delles é a propria Barbara Stanwyck.

Cinearte
REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

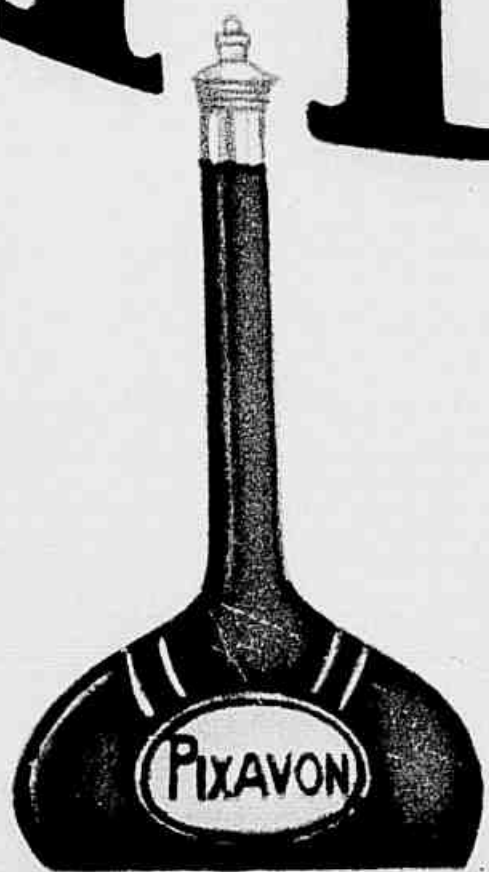
ASSIGNATURAS
Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO
Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

PEGGY Shannon
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON